



# ○ NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

**A FONTE DO NOSSO  
ENCANTAMENTO**



# Editorial

A emulação entre as duas Juntas de Fão, a que governou até 17 de Dezembro e a que nos rege agora, começa a dar bons resultados. Faz-nos lembrar dois hipercados em despique cuja luta (quem desce mais?) reverte a favor do povoleu.

É evidente que a tática neste caso, ou seja, no que se refere às autarquias, não pode consubstanciar-se no **quem faz melhor**, mas sim no **quem faz melhor**. Já escrevemos ainda há pouco que a Junta de Luís Viana foi, porventura, a mais activa de todas as que actuaram em Fão. Atenção que não absolutizamos a expressão, antes a reduzimos intencionalmente através do advérbio «porventura», pois não conseguimos abarcar a extensão e consequentemente o mérito da obra do Prior Gonçalo Viana enquanto dirigente autárquico. É nossa convicção, porém, que a abertura da

## A FONTE DO NOSSO ENCANTAMENTO

Avenida Dr. Manoel Paes se realizou na sua vigência, a ponte de Fão, idem aspas, e esses empreendimentos ciclópicos superam tudo quanto já se realizou nesta terra.

Uma coisa podemos dizer: Luís Viana foi um autarca extremamente operoso. É certo, e nós já o temos afirmado, que cometeu ou deixou cometer pecados graves, daqueles cuja absolvição, em épocas medievais, o obrigariam a fazer uma ida a pé, aos Lugares Santos. Mas, em termos de futuro, as actas paroquiais só registarão os aspectos positivos que foram muitos e será sobre esses testemunhos apenas que os historiadores, já não coetâneos, esquisarrão o seu perfil.

De modo que os actuais gestores têm diante de si uma tarefa ingente que urge realizar para satisfazer a esperança dos que votaram neles e para cumprimento das promessas eleitorais afanosamente proclamadas.

O certo é que já passou um ano e as obras anunciadas não há meio de aparecerem. Sabemos no entanto que no lugar das Pedreiras foi adquirido já um espaço para a construção de um bairro de casas. Foi o próprio dono do terreno quem no-lo garantiu. Entre a ponte e o hotel do Pinhal perspectivam-se obras de muito interesse para a terra. Pessoa idónea e muito inserida no **milieu** camarário deu-nos garantias totais. Não duvidamos. Por baixo da avenida António Veiga, no lugar da antiga fábrica vai ser construído um outro que permitirá a ligação com o túnel que existe perto da ponte. Estas obras delineiam-se ainda a nível dos bastidores e entretanto era preciso, neste quase passar de um ano, que a Junta, para salvar a face, aparecesse com qualquer coisa importante. E esse algo de importante apareceu ali para os lados do rio. Referimo-nos à fonte luminosa.

Como todos nos recordamos, Luís Viana replantou em tempos o Cortinhal, dese-

(Continua na pág. 4)

# O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

## AVELINO, O MENDIGO

Numa tarde cálida de Outono Avelino dormita sentado no paredão do Bom Jesus em Fão. Um carro pára e do mesmo sai uma voz que interpela o dorminhoco: «Pode dizer-me onde fica o Ofir?» Avelino ergue uma pálpebra, fita o visitante e com o pé, sem se dar ao cuidado de se levantar, indica: «É para aquele lado». O condutor do veículo fica como que siderado, acaba por lhe achar graça e diz: «Se me repetir o gesto, dou-lhe cinco paus». Avelino volta a levantar o pé e pachorentamente diz: «Agora ponha-mos aqui no bolso».

Este episódio é um dos muitos que já hoje anedotizam a vida do Avelino Azevedo, figura típica de Fão, que uns apodam de sorna, outros de abúlico, alguns de doente mental e muitos de filósofo mendigo. A sua vida decorre sob o signo do **não vale a pena**, desfazado do mundo real que o cerca, estranhamente desprendido de bens materiais, solicitando de todos um mínimo para viver: não aceita esmolas graúdas — nada para cima de «cinco paus» — só para comer uma malga de caldo. Se às vezes lhe dão 7\$50, ele retribui os restantes; vinte paus, nem pensar nisso, e se adrega de reunir um pecúlio razoável, vai dá-lo a determinadas pessoas para o guardarem, sendo quase certo e sabido que raramente procura reaver o dinheiro. «**Não vale a pena** ir buscá-lo. Que o dêem aos pobres!»

Numa altura em que lhe deram vários sapatos à escolha, ele mostrou-se esquisito: «Estes estão cambados, aquele deve apertar um bocado, hum, hum, estes são feios. Oh, não quero nenhum».

Trazido da «roda» do Porto há uns 50 anos. Avelino tornou-se pescador, mas pescador a sério. Era aquilo a que na gíria local se chama pescador da sorte, o que quer dizer que era emérito na técnica do pescado e aguentava-se o maior número possível de horas sobre as águas. Quando assim acontece, os peixes não se fazem rogar. Decorridos alguns anos — teria treze ou catorze quando veio para Fão — foi acometido de ataques de loucura súbitos que o tornavam particularmente agressivo e perigoso. Passou a andar algemado sobretudo nas fases mais agudas e naturalmente o hábito de ir ao mar desapareceu. Entretanto as crises foram-se espaçando até que desapareceram de todo, não restando da doença quaisquer sequelas visíveis a não ser uma certa indiferença de viver, a tal filosofia do **não vale a pena**. Para esta inapetência de posse, muito teria contribuído um roubo que lhe fizeram dos apetrechos de pesca e de um certo pé de meia conseguido na faina do mar. A partir daí tornou-se isolado, «mendigo filósofo», irresponsável sobretudo: no agradecer, na procura de meios de subsistência, no desamparo a que se entrega. Uma noite caminhava pela estrada fora rumo a Fão, vindo de Vila do Conde onde tinha ido «fazer a volta». Chovia que Deus a dava. Passava ele pela Estela quando um automóvel, propriedade de um conterrâneo, parou à sua beira e o dono convidou-o a entrar, mal grado a aparência pouco «convidante» do Avelino. Por alturas do cemitério sofreram um pane. O condutor saltou para fora e pediu ao noctívago caminhante que o ajudasse a empurrar o carro. «Empurre-o você, que o carro é seu», foi a resposta do Avelino que desapareceu na escuridão da noite.



O seu feitio, se é tolerado por uns, não é compreendido por outros. Tempos atrás, costumava abancar todos os dias na casa de uns senhores que eram do Porto. Uma vez trouxeram-lhe bacalhau (do rabo) com batatas. Avelino não se sentou nem tocou na comida e quando a criada desceu para levantar o prato, ouviu este comentário: «Isto não é comida de gente». A dona de casa ia morrendo de apoplexia e, claro, a porta fechou-se de vez. Outras, porém, abrem-se de seguida e não se encerram nunca. O Avelino é assim e assim mesmo. Há dias, num restaurante junto ao rio, mostrou desejos de comer sardinha assada. O dono, seu fã incondicional, lá se deu à pachorra de as mandar ajeitar. Quando se propunha a trazê-las, notou que o «cliente» ia partir. «Então, já vais?» «Hum... hum... Já é tarde... **Não vale a pena**».

Há quem afirme que teria ficado com uma tara. É possível. A sua percepção do real é demasiado restrita. No entanto, na conversa mostra-se coerente, embora gravite insistentemente à volta do tema inicial. Tem um sorriso irónico e carregado de bonomia que ele amolda segundo as circunstâncias: sacoleja-se todo com um dito engraçado, adensa-se de desdém e melancolia quando sente que estão a falar dele, torna-se malicioso ou brejeiro quando resolve fitar o belo sexo. Não, não é indiferente nesse capítulo. Embora não se lhe conheçam aventuras galantes ou arremedos intempestivos, lá ousa soltar um piropo perante motivações fortemente emocionadoras...

Não vive triste nem contente, não se apressa, quer faça quente quer faça frio, não se queixa nem se lamenta esta personagem camuseana plasmada em terras de Fão. Trabalhar para ganhar dinheiro? **Não vale a pena!** Nem vale a pena ter mais do que o preciso para o momento presente. Amanhã Deus proverá, ou melhor, os fangueiros não deixarão morrer o «Velino» à fome. Se fosse um pobre normal, poderiam até organizar-se esquemas rotativos de assistência: hoje comia numa família, amanhã, noutra. Ele, no entanto, é tão absurdamente mal agradecido, tão imprudente nas suas respostas, tão quebrador das cadeias de solidariedade, que nada se pode

(Continua na pág. 4)

# DE APÚLIA

**DESPORTO** — Falar de Desporto em Apúlia, é apenas falar de futebol. Por enquanto. Futebol que, diga-se de passagem, já pouco tem de amador e de desporto. Hoje, mesmo a nível regional, são poucos os atletas que jogam por amor à camisola. Há dinheiro, temos jogadores; não há dinheiro...

E os resultados compensam? As pessoas acorrem aos jogos? E mostram-se agradadas no fim dos desafios? Numa palavra, valerá a pena o sacrifício que os dirigentes diaramente suportam para manterem uma equipa em prova?

Claro, as «coisas» não podem ser vistas assim. Tudo vale a pena. Alguma coisa de bom sempre fica para além dos resultados e dos bomens. O nome da terra vai ser semanalmente ouvido e pronunciado por muitas pessoas. E a própria terra vai ser visitada por muita mais gente, fora dos meses de Verão. Só que, contas bem feitas no fim, a factura talvez seja demasiado pesada para os resultados conseguidos.

Falando do futebol que temos, pouco haverá a dizer. Maus resultados, receitas pequenas, muitas lesões, deserções, e até algumas incompreensões, tudo isto depois de um princípio de época francamente bom, sobretudo nos resultados. Mas, de há dois meses para cá, tudo tem corrido muito mal; derrotas em cima de derrotas, fora e em casa, muitas lesões e fracas receitas, o que traz desolados os desportistas apulenses.

Nesta altura, em que apenas estará disputado um terço da prova, não vemos razão para desânimos e apreensões. A melhora vai ser possível com a recuperação física dos lesionados e a aquisição (já anunciada) de um novo jogador.

**CASAMENTO** — No dia 20 do passado mês de Outubro, uniram as suas vidas pelo casamento, os jovens apulenses, José Manuel Carvalho Carreira e Isabel Filipe de Carvalho, filhos respectivamente de Abílio Afonso Carreira e de Maria Alcinda de Faria Carvalho, e de Manuel da Conceição Carvalho e de Maria Agra Fernandes Filipe, residentes na Avenida da Praia, no lugar da Areia.

**SAGRADO LAUSPERENE** — Como é da tradição (e da devoção) dos apulenses de há muitos anos, o dia 13 de Outubro é em Apúlia, dedicado à Festa do Sagrado Lausperene e do Sagrado Coração de Jesus.

O ponto alto dessas cerimónias religiosas foi, talvez, a primeira comunhão de algumas dezenas de crianças, que para o efeito, foram preparadas durante muitas semanas, diariamente, por algumas catequistas, que merecem os parabéns de toda a comunidade.

**DOS JORNAIS** — Lemos, que das Festas de Nossa Senhora do Amparo, houve um saldo positivo de 829.817\$50, para uma receita de 3.892.961\$00, e uma despesa de 3.063.143\$50, e que esse saldo, que vem sendo acumulado há anos, já está em 5.073.958\$00.

As receitas das Festas de Nossa Senhora da Guia, foram de 3.638.921\$50, e as despesas de 2.622.421\$50, portanto, um saldo positivo de 1.016.500\$00. Dessa importância foram entregues à Comissão Fabriqueira 902.000\$00.

Não vamos fazer comentários, que até podem pecar por incorrecção, mas parece-nos que aqui as coisas são tratadas com dois pesos e duas medidas. Uns entregam (o que sempre fizeram) os saldos à Comissão Fabriqueira; os outros depositaram-no à ordem da respectiva Comissão de Festas, e parece-nos, sempre assim fizeram.

As Festas referidas são ambas de cariz absolutamente religioso, ambas são de Apúlia e organizadas por apulenses. E o Pároco de Apúlia (diga-se de passagem que com geral agrado) também é o Pároco de toda a vasta freguesia.

Qual das duas Comissões de Festas está certa? E está alguma errada? A Comissão Fabriqueira (tendo possibilidades para o fazer) cobre os saldos das Festas de Nossa Senhora da Guia, quando estes forem negativos? Sendo assim...

**AINDA O PROGRESSO** — Já no último número deste jornal abordamos o assunto da EDP e dos seus (até agora maus) serviços prestados à Comunidade apulense, com as obras da nova baixada eléctrica, subterrânea, em curso na terra. É ver como ficaram as estradas e ruas, com valas transversais e laterais, lombas, água, lama, entradas para casas e garagens obstruídas, montes de pedras que foram arrancadas das ruas, etc. Nada disso abona a favor da EDP ou da Empresa responsável pelos serviços.

E seria possível minorar estes inconvenientes? Era possível e aconselhável. Apúlia está situada e é passagem, quase obrigatória, de uma zona de turismo. E no inverno, sabe-se como as ruas ficam. Lama e água, altos e baixos, o que torna a vida difícil aos automobilistas e aos peões.

A propósito: quando será arranjada a estrada principal da vila, que ficou como se vê, depois da instalação de novas condutas de água? Sabemos que há prazos a cumprir, mas também nos parece que já seria tempo de remediar o mal que se fez ao piso de toda essa importantíssima via de trânsito.

## Boas-Festas

Aos nossos colaboradores, assinantes, leitores e anunciantes desejamos Boas Festas.

Neste começo de um novo ano, fazemos votos muito sinceros para que espectro da guerra, que neste momento paira sobre a humanidade, seja definitivamente erradicado da face da terra.

## MONTRAS ARTÍSTICAS

Não sabemos de quem partiu a iniciativa para a decoração das montras na Semana Santa. Sabemos, sim, que aquilo foi um êxito.

Está a chegar o Natal. Porque se não repete idêntica iniciativa, agora com motivos da época que a humanidade vai comemorar? Todos teríamos a lucrar. Por um lado gerava-se mais um ensejo para os fangueiros revelarem o seu bom gosto. Ao mesmo tempo dáva-se um ar alegre e fino às casas comerciais — loncomitantemente as próprias casas comerciais despertariam a simpatia dos passantes o que reforçaria as suas pretensões de venda.

Acima de tudo as pessoas, sobretudo comerciantes, adquiriam paulatinamente a consciência de que o embelezamento e o nível da sua terra passava pela sua específica colaboração.

## REUNIÃO MÉDICA EM OFIR

Cerca de 400 médicos especialistas-psiquiatras — tomaram parte no I Encontro da Sociedade Portuguesa de Psicodrama realizado num hotel de Ofir nos primeiros dias de Novembro.

A Comissão organizadora era constituída pelos médicos António Roma Torres, José Adriano Fernandes, Mário Vale Lima, Alice da Silveira e Castro, Severiano Carlos Pinto e Cristina Villares Oliveira.

Foram apresentados 20 trabalhos com a intervenção de 30 médicos, sendo alguns de nacionalidade espanhola.

O conhecido clínico dr. Mário Vale Lima que presta também serviço no Hospital de Fão, actuou como moderador no 2.º dia de trabalhos, dia 3 de Novembro, parte da manhã, onde foram discutidos os seguintes temas: «Como sobreviver num psicodrama orientado por criança — a aventura dos terapeutas», «Dramatizar o suicídio», um palco para o psicossomático», «o papel como modelo do Director da Psicodrama» «Drama estático».

## CRUZ VERMELHA DE ESPOSENDE

No dia 8 de Dezembro realizou-se o juramento de bandeira dos membros da Unidade de Socorros do núcleo de Esposende-Marinhas da Cruz Vermelha Portuguesa e a tomada de posse dos novos membros da respectiva Direcção.

Na mesma data foi benzida uma ambulância que ficará ao serviço daquela unidade.

## TECIALGO

### TINTURARIA E ACABAMENTOS TÊXTEIS

R. SENHORA CAMPANHÃ — 4000 PORTO  
TEL. 572829 - 567022 - 572574 — TELEX 23392 — FAX 5100734

Somos possuidores da Melhor Técnica de Serviço a nível Europeu

Possuímos secções equipadas com o que há de mais evoluído

- TINTURARIA DE MALHAS E TECIDOS
- ACABAMENTOS RÁMULAS
- CALANDRAS
- MERCERIZAÇÃO DE MALHA
- COMPACTAÇÃO DE MALHAS
- CARDAÇÃO — MALHAS E TECIDOS
- LAMINAGEM — MALHAS E TECIDOS

## AVELINO, O MENDIGO

(Continuado da pág. 2)

organizar em termos efectivos. Também, se ele fosse subserviente, não fosse gozão, não transluzisse no olhar a tal matéria irónica, não fosse tão desleixado das esmolas, deixava de ser a figura típica que Fão muito estima, exactamente pelas suas excentricidades.

★

*Hoje escolbemos para perfil uma figura típica de Fão. Não foi benemérito, nem sábio, nem operoso. Foi uma figura diferente a quem Fão dedicava particular carinho.*

*Já em tempos o «desenhamos» no «Jornal de Notícias». É esse mesmo trabalho que agora nos limitamos a transcrever no nosso jornal.*

## BAZAR DAS PRENDAS

E pronto. Mais outra loja abriu em Fão. Chama-se Bazar das Prendas e, como o nome indica, trata-se mesmo de prendas, prendas para todos os gostos, para todas as idades e para todas as épocas do ano.

Foi o nosso amigo Rafael de Oliveira o homem da iniciativa. Alugou a loja das Padeiras e transformou-a de alto a baixo. Aquilo ficou mesmo fino. As paredes foram revestidas, o tecto arranjado, a sala alargada e aquilo já não parece o que era.

O Rafael, que é chefe de compras numa grande empresa sabe comprar e a mercadoria que vende disputa bem os preços com os estabelecimentos das grandes cidades.

Portanto quem quiser oferecer prendas para casamentos, baptizados, aniversários, Natal, etc., etc. já não precisa de sair da terra.

E depois... comprar em Fão... é natural.

## Editorial

(Continuado da pág. 2)

nhou canteiros e revestiu-os de relva e de plantas. Abriu ao centro um pequeno tanque e no meio foi construído um chafariz de onde brotavam esguichos de água. a «sala» ficou agradável. Devemos dizer que alguns fangueiros não revelaram cultura nem sensibilidade suficientes para preservar o local. Rebentaram a canalização e conspurcaram as águas.

Os actuais autarcas não quiseram ficar atrás no alindamento do Cortinhal. Como que estimulados pelos seus antecessores, remodelaram totalmente a canalização e criaram uma verdadeira fonte luminosa, com dez fases geométricas, isto é, com dez efeitos diferentes, e outros tantos cambiantes de luz e cor. Um espectáculo de verdadeira qualidade. Os fangueiros tem feito romaria para verem a fonte do nosso encantamento.

Apesar de laico, rogamos a todas as alminhas do Purgatório para que os conterrâneos saibam preservar uma obra que sem dúvida expressa maturidade e bom gosto que existe em Fão.

PS — Tivemos entretanto conhecimento que a execução da obra foi realizada pelos irmãos Paulo e Miguel Pereira que, como todos sabem, são oriundos de Fão, mais propriamente das Pedreiras.

Quer dizer, se o nosso contentamento radicava no facto de a nossa terra possuir tão artística fonte, essa satisfação duplicou pelo motivo de ser uma obramide in Fão. Não há outra igual.

## CASA VENDE-SE

R/c e 1.º andar com 6 quartos. Sala de jantar com lareira. Rua Prof. Pio Rodrigues, ao lado da farmácia.

Falar: Telefone 574016.

## Aumento o seu Colesterol!

Agora, com a proximidade do Natal e do Ano-Novo, quase nem é preciso tentar o colesterol a subir! Ele não se faz rogado, com tanta coisa boa que nestas alturas é costume pôr-se na mesa! Ainda assim, aqui vão mais duas:

### BACALHAU À GOVERNADORA

Bacalhau, Batatas, azeite, cebola, sal, pimenta, colorau - q.b.

Leite — 7,5 decilitros.

Farinha — 3 colheres de sopa.

Ovos — 3.

Cerveja — 2 colheres de sopa.

1.º — Faz-se um refogado com as cebolas, o azeite, o colorau e a pimenta.

2.º — Faz-se, à parte um creme, assim: Junta-se a farinha ao leite fervido, após a ter desfeito num pouco do leite, ainda frio. Mexe-se sempre para não encaroçar e deixa-se ferver até engrossar. Juntam-se aos poucos as gemas batidas e retira-se do lume, deitando-lhe em seguida as claras batidas em castelo. E está feito o creme.

3.º — Depois do bacalhau e das batatas cozidos (com sal), do refogado estar feito e o creme também, põe-se tudo num tabuleiro de ir ao forno: uma camada de rodela de batata; uma de bacalhau desfeito em lascas e já regado com a cerveja; uma de refogado; uma de rodela de batata. Cobre-se com o creme e vai ao forno a alourar.

### BRIGADEIROS

1 lata de leite condensado. 4 colheres de sopa de cacau. 2 colheres de sopa de açúcar. 2 colheres rasas de manteiga:

Coze 5 minutos em lume brando e tendem-se os bolinhos, que se passam por chocolate granulado.

E por hoje resta-nos apresentar os votos amigos de um Feliz Natal e das maiores venturas para o Ano Novo.

Com um abraço da

TIA MARIQUINHAS



## HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE  
TEL. 053 - 96 14 73/4  
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m<sup>2</sup>, frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m<sup>2</sup>, a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chafne des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

# FARPAS DE BEM-DIZER

Por QUIM DE FÃO

1. Quentes e boas! São como as castanhas, mas não são ouriçadas. Não têm picos. São boas-novas na véspera de Natal, para incentivar os fangueiros presentes e ausentes a mostrarem o seu bairrismo. Como diz o Né na sua folha: «que os bairristas falem menos e trabalhem mais e melhor». Como eu só escrevo e trabalho muito... para mim, não enflo esta nem outras...

2. Mas que este próximo ano será excelente para Fão, não baja dúvidas que será, mesmo que o «urubu» não queira. Todos fazemos e faremos uma força para que tal aconteça. Não há partidos nem inteiros; não há políticos nem mascarados. Somos todos fangueiros.

3. O próximo ano será louco de acontecimentos. Igual... igual à vila velha, nunca mais, mas parecida vai ficar. A culpa foi dos votantes... que votaram num punhado de entusiastas e que de um tiro e em meia-dúzia de meses vão realizar e já realizaram... olhem para isto: «Conta-quilómetros nas vassouras... já não varrem de cor nem pelo cbeiro...»

4. Uma fonte luminosa no Cortinbal que só tem a sua parente afastada nos Campos... franceses (Champs Elysées). Os mirões são tantos que já se faz bicha... e paga bilhete de boa-língua. A outra, a finadinha, é que era linda! Mas esta também o é. Não lhe dou muita vida. Vai acontecer como os arbustos...

5. Será um ano de bodas.

— Bodas de «ferro» da ponte metálica — 100 anos — que se iniciou a construção da ponte sobre o rio Cávado.

— Bodas de «flores» — vinte anos — que os Irmãos Matias desenham em baixo — relevo o tapete no Templo do Senhor Bom Jesus. Que festas! Merecem placa na sacristia pelo amor ao Santo e a Fão. E uma acta de louvor. Com selo branco de Irmãos Beneméritos. Nunca deixaram o nome da Terra — Fão — por créditos albeios. Não são de Ofir. São de Fão. Mesmo em Lisboa.

6. Bodas de 15 anos de elevação de Fão a vila.

7. E porque Fão vai estar em festa durante muitos dias, já há uma alta comissão para os festejos. Começam neste fim de ano e prolongam-se até depois da Páscoa.

7. Assim, desde que baja sub-comissões, teremos:

— Cantares tradicionais fangueiros — Janeiro.

— Exposição de: «Fão, no séc. XIX».

— Concurso de montras. Trajos.

— Fão visto pelas crianças: Desenho/Pintura.

— Jogos Florais.

— Fotografia: Exposição/Concurso. Motivos fangueiros.

— Via-fado: Noite de serenata com artistas fangueiros, pelos cantinhos e pátios de outrora. (Do cais ao Ramalhão — passando pelas Pedreiras e Caldeirão, tudo é Fão.)

— Autocrosse: Carros telecomandados: Gin-cana de motorizadas; Jeb/Sky; Canoagem; Surf.

— Concursos: de papagaios — já não sei do meu —; vestido de chita (com apoio das empresas concelbias); Tiro aos pratos; Prevenção Rod-

viária — percurso previamente traçado e sinalizado para bicicletas de crianças; Concurso de pesca (mar).

— Dia da Lampreia (integrado no dia do Turista).

— Encontro de coros religiosos.

— Festival de Tunas Universitárias. Já há várias inscritas. Pensa-se na sua internacionalização.

— Conferências. Visitas guiadas. Exposições.

— 2.ª Feira de Páscoa. Dia da Póvoa. Retomando os «clamores», os poveiros estarão em Fão. No pinhal, durante o dia. Ao fim da tarde, serão recebidos nos jardins do Bom-Jesus com a exibição das suas rusgas, ranchos e bairros populares. Em Perspectiva o recordar duma antiga tradição. Ou não houvesse muitos «Fangueiros» na Póvoa do mar.

— Todos os outros festejos, já tradicionais, serão mantidos. A comissão recebe todos os apoios — trabalho e dinheiro — dos amigos e fangueiros. Presentes e ausentes.

8. Mas há mais boas-novas. Estas foram conhecidas no segredo dos «simplórios» que não são foguetes. Em alguns meses, a nova Junta já conseguiu:

8.1. Um pavilhão ginnodesportivo a implantar ao lado do campo de futebol — lado sul — com respectiva zona envolvente.

8.2. Um clube náutico, junto à Ponte, no antigo estaleiro. Com instalações desportivas e de apoio ao turismo náutico.

8.3. Uma pausada de Juventude, na Avenida perpendicular à Alameda do Bom Jesus. Regressam, a Fão velho, centenas de jovens turistas. Esta realização, este empreendimento, vale por centenas de outros que já se tenham realizado. Nem a elevação de Fão a vila teve tanto valor... económico. Moral, parece que também teve pouco. A não ser no papel timbrado.

8.4. Tunel a atravessar a estrada do mar, junto à antiga fábrica. Liga a uma nova avenida que dará acesso à praia pelo caminho das Rodas.

8.5. Prolongamento do arruamento pelo Fojo até ao tunel da Ponte. Ajardinamento da zona envolvente.

8.6. Estuda-se no Rodas um outro Centro Comercial.

8.7. Novo quartel dos Bombeiros.

8.8. Arranjo do Largo do Estaleiro.

E há mais! Ainda a procissão vai no adro...

Depois, ó senhor director da nossa folhinha, não se esqueça de elogiar a nossa Junta... que Deus tenha em bom descanso. Fez tanto em tão pouco tempo. Nove meses! Não foi aborto. Esta «boca» foi só para «reinar» por um minuto, já que não serel «rei» no exílio.

9. Acabou-se o «Quim de Fão». Como já se devem ter apercebido as «Farpas de Escárnio» já hoje não aparecem no título. Só as de Bem-dizer.

10. Já não se justifica este espaço.

11. Haverá outro a substituí-lo. Mais informativo. E de opinião, quando for necessário.

12. Talvez pedaços de prosa respeitadas no Zé, nos Zés da nossa terra. Nos bancos... do barbel-

ro, do Cortinbal, do Café, da bancada, onde me encontro com todos os máis-linguas cá do sítio, meus sócios envergonhados.

13. Farei com os «Fígaros» um pacto. Seringar como escorpião em pezinbos de... veludo todos os «Santos e Santas» do nosso burgo, recordado para uma vida nova com o apoio da Santa Autarquia. Ia dizer Inquisição. Para longe vá o agoiro.

14. Para o próximo número, haverá mais notícias das Festas. Vá juntando uns escudos, francos, cruzados ou dólares para elevar as festas de Fão ao cimo do nosso querer fangueiro. Não espere pela circular. Diga que sim à Comissão.

## Pesca Azarada

O nosso amigo Tião Turra é um Fã(o)nático da pesca. Um dia destes, 1 de Dezembro, foi com a respectiva cana p'rá beira do rio. A certa altura, lá apanhou um rico robalo com mais de um quilo e, como é norma entre os pescadores, colocou o peixe em cima do torrão, no lugar onde estava Bom, na ânsia de apanhar mais espécimens, foi-se deslocando para outros sítios, distanciando-se do local onde colocara os seus apetrechos. Foi andando, até que resolveu voltar ao sítio inicial. A cesta e a roupa estavam lá. Quanto ao peixe... de grilo!

Procurou, procurou até que deu com um cão, atrás de uma árvore a comer regalado o seu belo robalão. Claro que rogou muitas pragas ao animal mas o que é certo é que a Zairinha não teve nesse dia o presigo para juntar ao arroz. Consta-nos que o nosso amigo Tião vai ser galardoado pela Sociedade Protectora de Animais.

## ALCUNHAS DE FÃO

Em tempos este jornal, sob a responsabilidade do dr. Joaquim Barros Peixoto, começou a publicar as actuais alcunhas de Fão, informando os leitores acerca da sua génese. Ora, folheando as páginas de O Esposendense, a partir de 13 de Janeiro de 1921, encontramos outra série de alcunhas com uma explicação da sua origem. vamos hoje transcrevê-la.

A comparação das frases não foi a mais aconselhável.

**Sapos** — Habitavam os assim alcunhados junto à lagoa do Mendanha e em vista da proximidade da água e dos batráquios tomou o nome destes.

**Fonteboia** — Foi fácil de averiguar a sua origem e o (sic) alcunha foi tirado do nome dessa freguesia onde eram naturais os antepassados dessa família hoje quase extinta.

**Carago** — Tem muitos mais apelidos o assim alcunhado e não tem nada de antigo. É cordoeiro. Quando trabalhava na roda constantemente gritava ao filho seu ajudante nessa profissão: — Anda depressa, carago. Apanha aquele fio, carago.

**Carolina da Rua Nova** — É hodierno também este apelido. Como existem muitas Carolinas e para distinguir esta das outras, pôs-se ao nome do baptismo o da rua nova que é onde mora.

**Chá e Leite** — Trata-se de um neurasténico. Quando acometido dessa moléstia, recitaram-lhe como alimento a sua alcunha. Queixava-se tantas e tantas vezes contra esse regimen e massava a todos com as suas lamuriantas queixas a respeito do seu sofrimento que se tornava para quem o ouvia num chá e leite.

**Pureza** — Um neurastémico, honradíssimo rapaz e um carácter adamantino. Só tem um defeito: gostava tanto de saias como os adeptos de mafoma, de toucinho. as raparigas é que lhe puseram a alcunha.

**Bicheza** — É contemporâneo. É um barbeiro a quem a imundície das cabeças de alguns fregueses seriamente o enjoava a ponto de quando lhes prestava os seus serviços, exclamava: — Hi que bicheza, que bicheza! É bom rapaz, amigo do seu amigo, mas não tolera a alcunha seja a quem for.

**Barbeiros** — Eram filhos dos antigos mestres escamas cá da terra, que usavam da bacia de cobre por baixo dos queixos de quem deixava a barba, levando-lhes à pele.

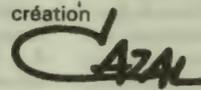
(Continua no próximo número)



# ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

**EM EXCLUSIVO:**



SEDE

C  
O  
N  
H  
E  
Ç  
A  
S



FILIAL

**NOVAS COLECCÕES**

**OUTONO - INVERNO**

**«GABINETE DE CONTACTOLOGIA»**

SEDE: Rua da Misericórdia, 6-12 — Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 — Piso 2 — Tel. 612933

4700 BRAGA

## DA COMISSÃO CONCELHIA DE ESPOSENDE DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS RECEBEMOS O SEGUINTE COMUNICADO:

AO POVO DE ESPOSENDE

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A VISITA DO PRIMEIRO MISTRO CAVACO SILVA A ESPOSENDE

É costume em visitas como esta, para além das medalhas, corta fitas, medalhas e beberetes, esconder o vergonhoso ou culposo e mostrar o que convém então reivindicar o que se pretende obter.

Por isso convidamos V. Ex.ª a romper o protocolo e verificar «in loco» o que lhe estão a esconder:

1 — Entre no hospital e verifique as condições em que se vive e trabalha e pergunte porque razão tanta gente se mantém surda e muda durante tanto tempo, inteire-se do historial do hospital e verifique se realmente será — Misericórdia a melhor entidade para o servir.

2 — Vá ver a água do rio, o fundo do rio, solicitar uma análise química da água. Pergunte porque razão este concelho, tem de beber mixórdia e pagar água.

3 — Percorra as aldeias do concelho e observe:  
a) Que não existem regos das águas bravas;  
b) Que cada caminho camarário é precocemente danificado pelas águas que correm livremente pelos locais de mais fácil acesso;

c) Que os caminhos rurais, devido ao anterior e aliado à falta de qualidade da construção, dura muito menos do que o previsto.

4 — Veja como o «Ribeiro do Plauto», outrora límpido, passou a ser, imprudente, o local de descarga dos lacticlínios das marinhas e das fábricas têxteis.

5 — Pergunte quem polui o «Rego da Pita e quem faz furos junto à captação do Bouro.

6 — Desloque-se à barra, veja os paredões e diga aos seus Ministros que enquanto houver destruição do equilíbrio Mar-Rio-Terra, não há paredões que resistam. Impeça a extracção dos inertes.

7 — Maravilhe-se com o facto de se viver muito bem em Esposende, mesmo não trabalhando.

Saiba como se compram casas para segunda habitação por mais de 9.000 contos com ordenados de 100-120 contos/mês. Talvez encontre solução para o controle da inflação.

8 — Na Escola Secundária espante-se com o facto de os filhos de «alguns senhores» do referido estabelecimento transitarem de turmas podendo assim ter professores em todas as disciplinas enquanto os outros aguardam a colocação dos professores faltosos.

9 — Pergunte aos reformados em quanto foram esbulhados pelo CRSS de Braga, deixando de receber a comparticipação dos descontos a que tinham direito no início das reformas.

10 — Pergunte aos reformados do estrangeiro quanto a Segurança Social lhes tira ao juntar as reformas dos estrangeiros com a portuguesa.

11 — Porque não funciona, Sr. Primeiro Ministro, a APPLE (Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende) e para facilitar a continuação da destruição das zonas verdes dando lugar a blocos de cimento armado? Para que foi então criada!

## FALECIMENTO

Com avançada idade morreu em Fão Laurinda de Passos Faria.

Os nossos pêsames.

## BCI — 3.º Trimestre 1990

No terceiro trimestre de 1990, o *Resultado Bruto (Cash-Flow)* do BCI atingiu 5.541 milhãres de contos e o *Resultado do Exercício* (antes de impostos) foi de 3.914 m.c., valores que reflectem um crescimento de ordem dos 63%, face aos resultados homólogos do ano anterior.

Em paralelo, a *Rentabilidade dos Capitais Próprios* (antes de impostos) aumentou de 23% para 29% em consequência do crescimento da actividade do BCI, e da manutenção de elevados níveis de produtividade dos seus meios de funcionamento.

Como medida daquele crescimento, nomeadamente no tocante à captação de recursos junto da clientela, salienta-se que o total de *Depósitos* em 30 de Setembro de 1990 se situava em 51,5 milhãres de contos (mais 51% que em 1989). Com um *Crédito* de 61,4 milhãres de contos (mais de 39%), o *Activo Total Líquido* atingiu 125 milhãres de contos, ou seja, mais 51% que no ano anterior.

## PARTIDA

*Quando partiste, tinhas no rosto  
a imagem triste do coração,  
E nessa aurora vi o sol posto  
Sobre uma rosa que era botão.*

*E tu levavas, como bagagem,  
Toda a beleza da Primavera,  
E as andorinhas, uma mensagem,  
Iam deixando na azul esfera.*

*E foi contigo toda a esperança  
Que sempre tive na minha vida:  
Levar na alma tua lembrança  
E ao teu carinho dar-lhe guarida.*

*Fiquei sozinho, desconsolado,  
Perto da praia que beija o mar...  
— Oh! que tristeza, no descampado,  
Um sol formoso, ver naufragar!...*

*E desde a bora que tu partiste,  
Secou o lírio do meu jardim,  
E o céu cobriu-se de cor tão triste,  
Da cor que levo dentro de mim.*

*Ficarei sempre perto da estrada  
Por onde foste pálida outrora...  
Pois nela espero ver a chegada  
Desse amor puro da minha aurora.*

*Naquele dia que tu vieres,  
As noites frias vão-de acabar,  
E a Primavera, com malmequeres,  
Com andorinhas, vão-de voltar.*

DINIS DE VILARELHO

## PESCADOR

*Pescador que vais ao mar  
ainda a noite vai alta,  
levas no teu pensamento  
içar o velame todo ao vento  
enquanto vai lindo o luar,  
e a todo o Norte rumar  
até ao mar do Forcadinho.*

*Pescador que navegas no mar  
antes da luz do dia nascer  
comandando o barco na ré,  
aproveita a boa maré,  
pois ao Leste vais aproar  
quando deixares de boltinar  
que a brisa, boje, vem da praia.*

*Pescador que trabalhas no mar  
lançando ao fundo as marefonas  
dá mais rápido essa lance,  
aproveita a melhor «cbanço»  
pois a aragem deixou de soprar,  
e, para a praia tens que remar,  
para vender o teu peixe.*

*Pescador que vens do mar  
nunca acabas pesada faina,  
mas remas tão bem disposto  
apesar do suor no teu rosto,  
à linda praia vais encalbar  
mas sozinho, p'ró fletro vais varar  
o teu «ganha-pão» de cada dia.*

*Pescador que chegas a terra  
aísvio não terás de conhecer,  
pois, tens que remendar a tralha  
que amanhã tens outra batalha,  
e, andar no mar é a tua guerra  
sempre que a névoa não cerra  
vais pelejar de barco, no mar.*

CASANOVA 88/07/05

## RESTAURANTE TÍPICO «A LAREIRA»

FÃO - ESPOSENDE

### 3 ESPECTACULARES NOITES DE FESTA

14 - 15 - 16 DE DEZEMBRO DE 1990

### 1.º ANIVERSÁRIO DA NOVA GERÊNCIA

SEXTA-FEIRA, 14 (22 horas) — FADOS - MÚSICA LIGEIRA - MÚSICA CLÁSSICA

GRUPO MUSICAL «POEMA», ALBANO SILVA - Voz, PAULO DANTAS - Piano, FERNANDO CUNHA - Viola Baixo, NUNO DANTAS - Bateria. Participação especial: SAMUEL CABRAL - Guitarra portuguesa. (Preço por pessoa c/ jantar 2.400\$00.

SÁBADO 15 (22 horas) — FADOS - MÚSICA LIGEIRA

ALTINO SOBRAL - Fadista, LÍDIA MARIA - Fadista, MANUEL RENATO - Fadista, FRANCISCO SEABRA - Guitarra portuguesa, RAFAEL CARVALHO - Viola. Participação especial: PAULO DANTAS - Piano e ALBANO SILVA - Voz. (Preço por pessoa c/ jantar 2.700\$00.

DOMINGO, 16 — BAILE DOS ANOS 60 (das 15 às 18,30 horas. O MELHOR TRAJE (prémio surpresa). 300\$00 bebida. JANTAR CONCERTO com o GRUPO MUSICAL ETC. 90 e muitas surpresas.

Reservas pelos telef. (053)964688 - 961531.

Patrocínio exclusivo: MACHADO & RUA, LDA. — Estela - Póvoa de varzim

Apoios: RÁDIO DE ESPOSENDE e PANIFICADORA SUL DO CÁVADO, LDA. — Apúlia - Esposende

## CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

No dia 19 de Novembro pelas 11h00 no HOTEL VERMAR na PÓVOA DE VARZIM realizou-se uma Reunião com a Imprensa estando presente o Sr. Secretário de Estado da Agricultura — Dr. Álvaro Amaro.

Este encontro com toda a imprensa local, regional e nacional realizou-se logo após a sessão solene de abertura da acção de formação «A AGRICULTURA PORTUGUESA E A FORMA DA PAC», que ocorreu no referido Hotel de 19 a 22 de Novembro. Nesta acção participaram cerca de 300 técnicos.

# ÁFRICA, ADEUS

(Continuado do número anterior)

Os fugitivos que de Vista Alegre seguiram com o Chefe do Porto de Cambamba, com destino a Carmona, na noite do dia 15, chegaram a Aldela Viçosa, que fica a cerca de trinta quilómetros de Vista Alegre, onde alguns deles, incluindo o Viriato Setas resolveram ali ficar para o dia seguinte. Os restantes continuaram viagem rumo a Carmona.

— Na Aldeia Viçosa a situação era de pavor. Estavam lá os comerciantes agricultores e empregados das Fazendas. Em suma, todos aqueles que conseguiram fugir das suas Fazendas. «E não eram muitos». Aqueles que não tinham conseguido, já estavam todos mortos. A manhã do dia 16 rompeu, e os brancos colocaram-se nos lugares que lhes pareciam mais estratégicas, mas as armas e munições eram escassas.

Decorrido algum tempo, começaram a surgir grupos de indígenas que pararam a respeitável distância. Surgiram de diversos lados, mas não se aproximavam, o que dava a entender que a povoação estava a ser cercada. Os brancos ali citados interrogavam-se se teriam alguma possibilidade de escaparem com vida.

De repente, para surpresa de todos, surgiu no horizonte um carro. «Era um Volkswagen preto que rapidamente os alcançou». Eles reconheceram logo o seu ocupante, o Saul Barbosa, ourives de profissão, mas que possuía, uma pequena Fazenda de café entre Vista Alegre e Aldela Viçosa.

Ao chegar à Aldeia Viçosa, ficou surpreso, pois desconhecia tudo o que se estava a passar e logo manifestou desejo de regressar à sua fazenda para trazer o seu empregado Costa.

Perguntou se havia ali alguém que o quisesse acompanhar. A maioria dos presentes era de opinião, que se devia abandonar a povoação, e portanto ninguém estava interessado em se meter em mais aventuras. O Viriato Setas, fugido já de Vista Alegre, prontificou-se no entanto a acompanhá-lo. Poucos minutos depois, o carro com os dois homens arrancou na direcção à Roça S. Tomé. Mas decorridos cerca de trezentos metros o carro é atacado, ainda à Vista dos citados de Aldela Viçosa. Foram disparados diversos tiros de zagalotes que perfuraram o carro em diversos lugares, e alguns destes atingiram o Setas na cabeça pelo que teve morte instantânea. Para o outro lado do carro foram também disparados tiros, e um zagalote bateu no relógio de pulso do Saul, quebrando-o ao mesmo tempo que o feria ligeiramente no pulso, mas ele sem perder o ânimo, acelerou o motor e assim conseguiu escapar aos assassinos.

Conseguiu alcançar a sua fazenda, e encontrou o seu empregado Costa, que ainda não tinha conhecimento do que se estava a passar.

Ambos tiraram do carro o corpo do malogrado Setas e encostaram-no a uma árvore. Em seguida pregaram em algumas provisões.

Então o Saul deu ordens ao Costa. «Vá à tonga e mande largar os trabalhadores e venha ter comigo à gruta». Há tempos atrás, numa incursão através da mata virgem, o Saul e o Costa tinham encontrado uma gruta e comentaram que seria um bom refúgio num caso de necessidade.

O Saul levou consigo dois trabalhadores que se encontravam em casa, mas que não

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

eram naturais da região. Caminharam através da floresta até alcançarem a gruta. Ali o Saul aguardou a chegada do seu empregado Costa, que nunca mais viria a aparecer.

Em Luanda, dia dezassete, pelas seis horas da manhã, eu o Machado e o Orlando preparavamos para partir. Minhas filhas dormiam despreocupadas. Beijei-as sem que elas acordassem, depois dirigi-me à minha esposa que se encontrava com os olhos repletos de lágrimas. Abracei-a e sai.

O carro para seguirmos foi a carrinha do Jorge, em virtude de naquele momento só possuirmos a camionete na qual tínhamos escapado de Vista Alegre.

Bom, o Jorge ao volante, eu entrei para seu lado enquanto o Machado e o Orlando subiam para cima da caixa de carga. Dirigimo-nos ao encontro das restantes que fariam parte da coluna que seguiria para Vista Alegre.

## ABEL MARIA VINHA DOS SANTOS/SÉGIO DE MORAIS (1912-1940)

Completaram-se, este ano, cinquenta anos sobre a trágica morte do Poeta Vinha dos Santos. Professor Primário aberto às novas correntes pedagógicas do seu tempo, poeta desde muito novo, foi também prosador. A sua produção literária encontra-se espalhada pelas Páginas Literárias de jornais das mais diversas regiões do País, entre eles, «O Cávado» e a «Aurora do Lima», de Esposende e Viana do Castelo, respectivamente. Tinha em preparação, quando a morte o colheu, um romance piscatório — *Mar Alto* — cuja acção se desenrolava em Fão, no Alto, e que se filiava na, então novíssima, corrente do *neo-realismo*.

Completaram-se cinquenta anos... e nem uma simples linha o veio recordar! Tristes sinais dos tempos!

Para que o ano do cinquentenário não passe sem uma lembrança, aqui publicamos o poema «Eh! Marinheiros», do livro inédito «Caminhos», e da última fase assinada com o pseudónimo Sérgio de Moraes.

(Nota: O «Forum Esposendense» parece ter no prelo a reedição de «Cantares» e «Riso Morto» e em preparação a edição da obra poética dispersa ou inédita).

J. C.



Logo que o carro se pôs em movimento, o Jorge começou a dizer que não se encontrava nada bem, que sentia uma dor etc.

«Sr. Jorge — adverti eu — a mim você não me consegue enganar. O senhor tem medo, e quer arranjar pretexto para não seguir. Eu não vou aqui dizer-lhe que eu também tenha medo, todos nós temos medo, mas há outra força que nos impede de seguir não sei explicar o que é — talvez o dever».

Lembre-se que a maioria daqueles que fazem parte desta coluna não têm nada lá em cima, incluindo estes dois que aqui vão em cima do seu carro. São apenas empregados, e estão prontos a seguir, e o senhor tem lá a sua casa comercial, e nada quer fazer, para recuperar aquilo que é seu? Está à espera que os outros o façam para si?»

«Não é nada disso, respondeu o Jorge, é que estou mesmo a sentir-me mal.»

Entretanto chegámos ao Quartel General onde nos entregaram a cada um uma requisição para irmos ao depósito de armamento, levantar uma espingarda e cento e cinquenta munições.

### POEMA

Eh! Marinheiros  
Do meu país de vendavais e nevoeiros!  
Lobos do mar, — tritões filhos das águas inquietas,  
Corpos de rocha viva  
Onde moram almas ingénuas de crianças - poetas —  
Aos embates brutais da vaga afoitos  
E ao perigo oculto e traiçoeiro afoitos!  
Eh! meus irmãos do mar  
De bronze o rosto e dilatados peitos,  
Companheiros desta ininterrupta aventura:  
A eterna luta pelo pão quotidiano  
Disputado dia a dia, expondo a vida ao seio do glauco Pai - oceano,  
Desafiando a fúria imensa dos tufões  
Na fragilidade das embarcações  
— Berços que vos embalarão  
Ao ritmo das ondas  
E que serão — quem sabe quando? Hoje, amanhã, um dia é certo! —  
Também os vossos míseros caixões!  
Eh! Meus obscuros heróis,  
Leões marinhos que ninguém conhece!  
Meus destemidos mestres arrais  
Sem condecorações  
Nem prosas incensórias nos jornais!  
Vós que lutais sem armas nem ciladas  
E ao céu, crentes, unicamente as vossas vidas confiais,  
Eu vos tenho uma fúria adoração  
Um amor de companheiro-irmão!  
Eu vos admiro, eu vos alcanço  
Mais que aos grandes que por mais que façam  
— Sábios, soldados, poetas, santos, reis —  
Não farão nunca quanto vós fazeis  
Sobre uma tábu empunhada um remol

(1939-40?)

### SINAIS DE TRÂNSITO

Finalmente foi colocado na estrada nacional, junto ao Pacheco, um sinal de trânsito indicando Barcelos. Pensamos que o mesmo sinal deveria acompanhar o percurso até a zona da Barrosa.

Por falar em trânsito, entendemos que aquele sinal de trânsito proibido colocado junto ao Banco na Rua da Igreja devia ser retirado.

As pessoas, ou seja, os automóveis que pretendem entrar no interior de Fão através daquela via, ao chegarem ao Banco, flectem para a direita por mor daquele sinal. Muitos entram a seguir no Largo da Fonte (Manuel Magalhães) e depois enfiam-se pela Rua de Cima e ficam encurrallados. Por mais do que uma vez, dezenas de vezes, temos saído de casa para darmos uma ajuda. Claro que as pessoas ficam aborrecidas e logo que podem arredam-se da terra a sete léguas.

Pensamos que aquele sinal só está ali a perturbar.

# PÁGINA JOVEM

**Olá, jovens! Cá estamos no fim de mais um ano. Outro se aproxima e oxalá ele vos traga tudo de bom, na saúde, no estudo, no trabalho, etc. E, para todos, os votos muito amigos de um Natal vivido com muita alegria!**

## A PESSOA

Por **LUÍSA**

«— Nunca te esqueças de amar alguém, mas enquanto essa pessoa vive.»

Foram as suas últimas palavras e provocaram em mim um vazio infinito, como eu nunca sentira.

Jamais o compreendera! A minha ajuda fora vaga, a minha disponibilidade pouca: — «Mais tarde falo contigo» — dizia-lhe eu, esquivando-me. E estou a receber agora uma lição dura, impossível de esquecer. Debatome num mundo de pensamentos confusos: julgara-o auto-suficiente, responsável, mas também repugnante. Enganara-me, como aliás fizera em toda a minha vida.

O superficial, o materialismo, venceram até então, e hoje penso como serei capaz de me encontrar. Sinto-me culpada pela sua morte, pela amizade que não aconteceu. Nada fiz para o tirar do abismo, infiltrara na minha mente a repugnância, mas, se eu tivesse deixado os preconceitos de lado e tivesse dialogado com ele, afinal uma pessoa como eu...

O que será a pessoa, nos dias de hoje? Algo maleável à vontade dos outros? Dependente da crítica da nossa sociedade materializada? Um espantalho que vive de aparências? Não há conceito capaz de a definir. Quais são os seus direitos como ser humano? Limitamo-nos a acatar ordens e a ser aquilo que os outros querem que sejamos? Foi à conclusão que eu cheguei, mas não tinha sido a dele.

(continua)

## NO MEIO DA MULTIDÃO

No meio da multidão  
Que passa e ri,  
Meus olhos se perdem olhando  
O sem fim.  
Passa uma criança, uma flor  
A abrir, uma rosa em botão,  
Trazendo uma parte do mundo  
Na mão.  
Nos olhos, o olhar doce da  
Esperança que nunca morre.  
Olhei para ela uma vez,  
Duas vezes,  
E sorri.  
É que nos lábios ela trazia  
Toda a ilusão que eu perdi.  
Apertei-a nos meus braços  
Com infinito carinho  
E nesse abraço achei a força  
Para continuar o caminho.  
Para lutar contra tudo  
Que me fizesse chorar.  
Para voltar a ser criança  
E novamente sonhar!

SU

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

*Impetus* 

## PAUSA PARA SORRIR

Um casal discute acaloradamente. A certa altura, a mulher argumenta:

«— Não podes dizer que casaste comigo contra vontade! Eu nunca corri atrás de ti!»

Responde o marido, filosoficamente:

«— Eu sei, eu sei. Mas a ratoeira também não corre atrás do rato e, no entanto, apanha-o...»

★

Um sujeito pateta, mas que tinha a mania que era muito engraçado, diz um dia a uma senhora inteligente e de resposta pronta:

«— Que lindos pés você tem! Se morrer primeiro do que eu, lembre-se de mim, deixe-mos em testamento!»

Responde a senhora, ironicamente:

«— Sim senhor! Com muito gosto! Assim você ficará com quatro!...»

## DIA A DIA

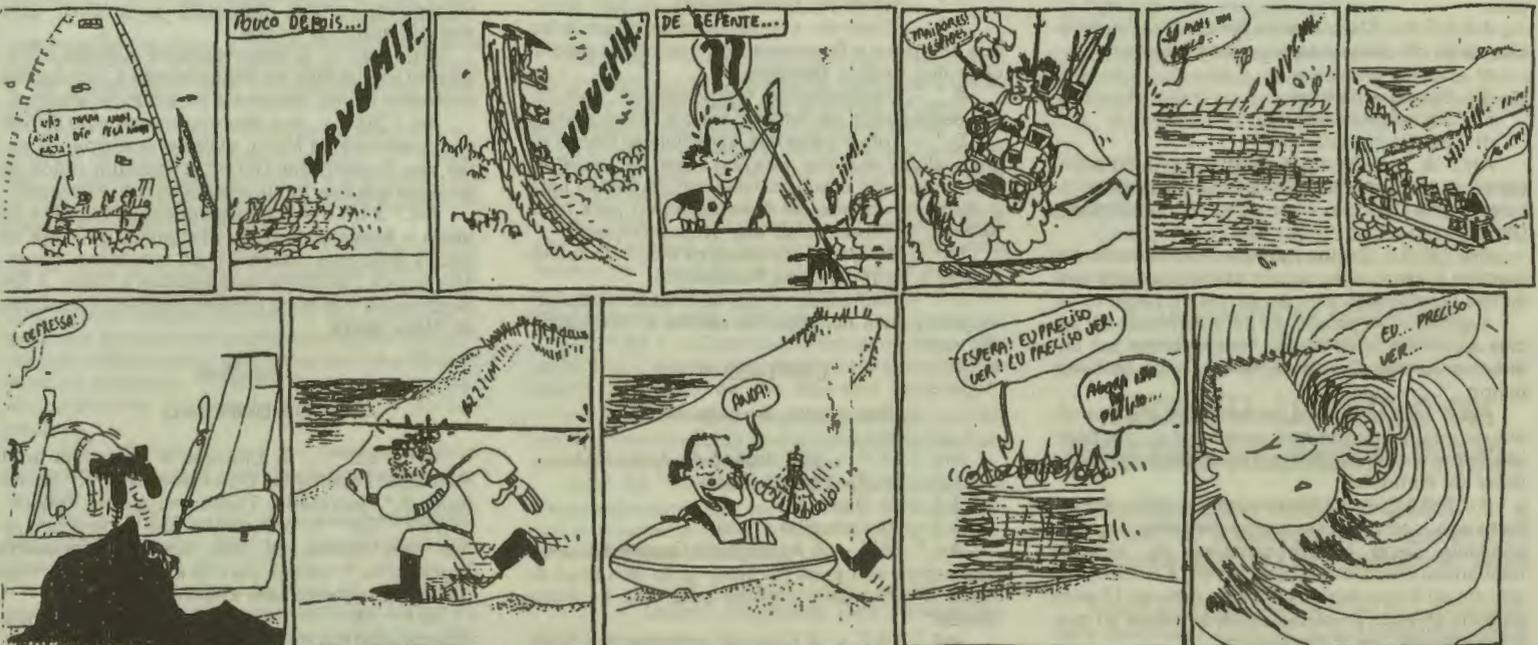
Tu, irmão, amigo,  
Companheiro desta jornada  
Que corres sem parar,  
Dia após dis.  
Os olhos cansados de  
Tanta madrugada  
Para que aos teus não falte  
O conforto, o gosto de viver,  
A Alegria.

As rugas do teu rosto  
São sinal  
Dessa vida dura que abraçaste.  
Olhando, porém, os teus,  
Ao fim do dia,  
Vês que valeu a pena  
O que passaste.

ANÓNIMO

(Continuado do número anterior)

(Continua no próximo número)



# «BENEMÉRITA ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE FÃO»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE — N.º de matrícula 00001 — N.º de identificação de pessoa colectiva 501 081 259  
— N.º de inscrição 00001 — N.º e data da apresentação 002 - 90/07/26

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA que foi constituída a «BENEMÉRITA ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE FÃO», que se rege pelos estatutos seguintes;

## ESTATUTOS DA BENEMÉRITA ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE FÃO

### CAPÍTULO I

#### Denominação e fins

Art.º 1.º — A Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão, fundada em 27 de Dezembro de 1925, de carácter humanitário e duração ilimitada, passa a reger-se pelos presentes estatutos.

Art.º 2.º — A Associação tem por fim criar e manter um corpo de bombeiros voluntários, socorrer feridos e doentes de incêndios e a protecção, por qualquer outra forma, de vidas humanas e bens.

Pode também promover festas e sessões culturais e exercer qualquer outra actividade conducente à melhor preparação intelectual e moral dos seus associados.

### CAPÍTULO II

#### Dos sócios

##### Secção I

#### Da admissão e classificação dos sócios

Art.º 3.º — Podem ser sócios da Associação todos os indivíduos maiores de 18 anos que tenham bom comportamento moral e civil.

Art.º 4.º — A inscrição dos sócios é feita em proposta de modelo adoptado pela Direcção, a qual será subscrita pelo interessado e assinada por este e por um sócio efectivo no gozo de todos os seus direitos, que figura como preponente.

Art.º 5.º — As propostas estarão, durante 8 dias, patentes aos sócios, que as podem impugnar por manifesta inconveniência para os interesses da Associação, declarando por escrito os fundamentos da impugnação.

Art.º 6.º — Findos os 8 dias a que alude o artigo anterior, as propostas serão presentes à primeira reunião da Direcção, que sobre elas resolverá, desde logo, no caso de não ter impugnação. Caso contrário, as propostas serão remetidas imediatamente, com as impugnações apresentadas, ao Conselho Fiscal que, no prazo de oito dias, apreciará as razões aduzidas e elaborará o seu parecer, desenvolvendo este com os respectivos processos para a Direcção se pronunciar em definitivo;

§ único — Quando a proposta for rejeitada, a Direcção comunicá-lo-á ao proponente, que poderá recorrer para a Assembleia Geral no prazo de 30 dias.

Art.º 7.º — Os sócios da Benemérita Associação serão divididos nas seguintes classes:

- Sócios efectivos
- Sócios auxiliares
- Sócios beneméritos
- Sócios honorários.

Art.º 8.º — Os sócios efectivos ficam sujeitos ao pagamento de jóia e da cota mensal a estabelecer pela Direcção e aprovada pela Assembleia Geral.

Art.º 9.º — Sócios auxiliares são aqueles que prestam à Associação serviço efectivo e cujas condições económicas lhe não permitam pagar cota.

§ único — As propostas para admissão de sócios auxiliares terão de ser apresentadas por um director ou pelo Comandante do Corpo de Bombeiros.

Art.º 10.º — Sócios beneméritos são os indivíduos que, pelos serviços prestados ou por dádivas feitas à Associação, mereçam da Assembleia Geral tal distinção.

Art.º 11.º — Sócios honorários são os indivíduos que, como tal, sejam proclamados pela Assembleia Geral em recompensa de serviços relevantes prestados à associação, e os que pertençam ao Corpo Activo e tenham mais de 15 anos de bons serviços prestados poderão passar ao quadro honorário, se o requererem.

#### Direitos e deveres dos sócios

Art.º 12.º — Os sócios efectivos têm direito:

1.º — A tomar parte nas Assembleias Gerais e ali discutir todos os assuntos de interesse para a Associação;

2.º — A votar e a ser votados para qualquer cargo da Associação;

3.º — Ao livre ingresso na sede da Associação;

4.º — A tomar parte nas festas e sessões culturais;

5.º — A propôr a admissão dos sócios;

6.º — A requerer a convocação das Assembleias Gerais extraordinárias, nos termos do artigo 23.º;

7.º — A apresentar na sede, uma vez por mês, com excepção dos dias festivos, qualquer convidado que não tenha sido eliminado de sócios por motivo disciplinar ou cuja admissão não tenha sido rejeitada;

8.º — A fazer-se acompanhar por pessoas de família, excepto varões válidos, maiores de 18 anos, em todas as festas que se realizem na Sede. Como pessoas de família consideram-se somente aquelas que vivam em comum com o sócio;

9.º — A examinar livros, contas e mais documentos, desde que o requeram antecipadamente e por escrito, à Direcção;

10.º — A requerer verbalmente, certidão de qualquer acta, mediante o pagamento de 5\$00, que reverterem para o Cofre da Associação.

§ único — Os sócios efectivos que façam parte do Corpo de Bombeiros não podem discutir assuntos respeitantes à disciplina do Corpo a que pertencem.

Art.º 13.º — Aos sócios honorários e aos beneméritos não incluídos na categoria de sócios efectivos ou auxiliares são concedidos os direitos consignados no artigo anterior, com excepção dos indicados nos 2.º, 6.º, 9.º e 10.º.

Art.º 14.º — Os sócios auxiliares gozam dos direitos consignados nos n.ºs 3.º, 4.º, 5.º e 7.º do artigo 12.º.

Art.º 15.º — Para todos os efeitos não expressamente exceptuados nestes Estatutos, consideram-se no pleno gozo dos seus direitos, o sócio que tiver pago a cota do mês anterior ao que estiver decorrendo.

Art.º 16.º — São deveres dos sócios:

1.º — Honrar a Associação em todas as circunstâncias e contribuir, quanto possível, para o seu prestígio;

2.º — Satisfazer, pontualmente, as suas cotas;

3.º — Observar estritamente as disposições dos Estatutos e Regulamentos e acatar as resoluções dos Corpos Gerentes;

4.º — Desempenhar, gratuitamente, com zelo e assiduidade, os cargos para que foram eleitos;

5.º — Tomar parte nas Assembleias Gerais ou em qualquer reuniões para que sejam convocados, propondo tudo o que considerem vantajoso para o desenvolvimento da Associação ou para mais perfeito funcionamento dos seus serviços;

6.º — Defender, por todos os meios ao seu alcance, o património da Associação;

7.º — Não cessar a sua actividade associativa sem prévia participação escrita à Direcção;

### CAPÍTULO III

#### Dos órgãos da Associação

Art.º 17.º — São órgãos da Associação:

1.º — A Assembleia Geral

2.º — A Direcção

3.º — O Conselho Fiscal

Art.º 18.º — A Assembleia Geral é a reunião dos sócios efectivos no pleno gozo dos seus direitos e nela reside o poder supremo da Associação.

Art.º 19.º — A Direcção administra e repre-

senta, para todos os efeitos legais, a Associação.

Art.º 20.º — O Conselho Fiscal inspeciona e verifica todos os actos administrativos da Direcção e vela pelo exacto cumprimento dos Estatutos e Regulamentos da Associação.

#### Secção I

#### DA ASSEMBLEIA GERAL

Art.º 21.º — A Assembleia Geral funciona ordinariamente e extraordinariamente.

Art.º 22.º — A Assembleia Geral funciona ordinariamente, nos meses de Dezembro e de Janeiro de cada ano, em dias designados pela Direcção. Na sessão ordinária de Dezembro, proceder-se-á à eleição dos corpos gerentes que hão-de funcionar no ano seguinte, e na sessão de Janeiro deverão apreciar-se e votar-se o relatório e contas de gerência anterior e o respectivo parecer do Conselho Fiscal.

Art.º 23.º — A Assembleia Geral funciona, extraordinariamente, em qualquer época, a requerimento da Mesa da própria Assembleia Geral, da Direcção ou Conselho Fiscal, ou de, pelo menos, 20 dos sócios efectivos no pleno gozo dos seus direitos.

Art.º 24.º — As Assembleias Gerais serão convocadas por aviso postal, a expedir para cada um dos sócios efectivos com a antecedência mínima de oito dias, nele se indicando o dia, hora e local da reunião e a respectiva ordem dos trabalhos.

§ único — As Assembleias Gerais funcionarão, na primeira convocação, com a presente da maioria absoluta dos sócios e, não a havendo, poderão funcionar uma hora depois, em segunda convocação, com qualquer número, desde que o aviso convocatório assim o determine.

Art.º 25.º — Nas reuniões ordinárias podem as Assembleias Gerais resolver sobre todos os assuntos das suas atribuições e competência; nas extraordinárias, somente acerca dos assuntos para que tenham sido expressamente convocadas.

Art.º 26.º — As resoluções serão tomadas por maioria absoluta ou relativa.

§ 1.º — O Presidente da Assembleia Geral tem voto de qualidade, em caso de empate;

§ 2.º — Para se proceder à votação nominal sobre qualquer assunto é necessário que essa forma de votação seja aprovada, pelo menos, por um terço dos sócios presentes.

Art.º 27.º — A Mesa da Assembleia Geral será composta de Presidente, Vice-Presidente e dois Secretários, eleitos anualmente.

Art.º 28.º — Compete ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral:

1.º — Convocar as reuniões e estabelecer a ordem dos trabalhos;

2.º — Presidir às sessões, assistido de dois Secretários;

3.º — Assinar, conjuntamente com os Secretários, as actas da Assembleia a que presidir;

4.º — Rubricar os respectivos livros, assinando os termos de abertura e encerramento;

5.º — Investir os sócios eleitos na posse dos respectivos cargos, assinando, juntamente com eles, os autos de posse.

Art.º 29.º — O Vice-Presidente substitui o Presidente na sua falta ou impedimento e, no caso de demissão deste, assume a presidência efectiva.

Art.º 30.º — Aos Secretários compete prover ao expediente da Mesa, elaborar e assinar as actas das Assembleias Gerais, e executar todos os serviços que lhes forem remetidos pelo Presidente.

Art.º 31.º — Na falta de qualquer membro da Mesa a Assembleia Geral designará, de entre os sócios efectivos presentes, os que forem necessários para completar ou constituir a Mesa, a fim de dirigir os trabalhos com as mesmas atribuições da Mesa eleita.

#### Secção II

#### DA DIRECÇÃO

Art.º 32.º — A Direcção é composta de 7 membros: Presidente, Vice-Presidente, 1.º Secretário, 2.º Secretário, Tesoureiro e dois Vogais.

Art.º 33.º — A Direcção não poderá funcionar com menos de três membros, devendo proceder-se à eleição para os cargos vagos, logo que o seu número seja inferior.

Art.º 34.º — A Direcção terá, pelo menos, uma reunião por mês e as suas deliberações só te-

rão validade quando tomadas por maioria absoluta de votos.

**Art.º 35.º** — Compete à Direcção:

1.º — Cumprir e fazer cumprir os Estatutos e Regulamentos e quaisquer decisões da Assembleia Geral;

2.º — Zelar pelos interesses da Associação, superintendendo em todos os serviços, da maneira mais eficaz e conómica, e promover o seu desenvolvimento e prosperidade;

3.º — Admitir e despedir o pessoal ao serviço da Associação e atribuir-lhe os vencimentos;

4.º — Aprovar ou rejeitar as propostas para admissão de sócios efectivos e auxiliares;

5.º — Punir os sócios nos limites da sua competência;

6.º — Eliminar os sócios efectivos e auxiliares, nos termos dos Estatutos;

7.º — Elaborar os regulamentos necessários ao bom funcionamento dos serviços da Associação, que serão submetidos à aprovação da Assembleia Geral;

8.º — Fornecer ao Conselho Fiscal todos os esclarecimentos que lhe forem solicitados para o cumprimento da sua missão;

9.º — Propôr a nomeação dos sócios honorários e beneméritos;

10.º — Promover festas e diversões que julgar convenientes, determinando as condições de assistência às mesmas, para os sócios e suas famílias;

11.º — Permitir a entrada de convidados nas festas da Associação, quando reconheça não haver inconveniente, fixando as condições da sua admissão;

12.º — Usar das atribuições que lhe são conferidas pelo Decreto n.º 38 439, de 27 de Setembro de 1951;

13.º — Deliberar como julgar mais conveniente para os interesses da Associação, em todos os casos omissos nos Estatutos e Regulamentos.

§ único — O Regulamento do Corpo de Bombeiros obedecerá aos preceitos no Decreto n.º 38 439 de 27 de Setembro de 1951, e será submetido à aprovação do Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios.

**Art.º 36.º** — A Direcção é solidariamente responsável pelos actos da sua administração.

§ único — Serão excluídos da responsabilidade colectiva, referentes a qualquer acto praticado pela Direcção, os membros que expressamente tiverem feito a declaração de voto de que rejeitaram, na acta respectiva.

**Art.º 37.º** — Ao presidente compete, em especial, orientar a acção da Direcção, dirigir os seus trabalhos, convocar as reuniões, assinar e rubricar os livros das actas, bem como quaisquer outros documentos referentes à actividade da Associação.

**Art.º 38.º** — Compete ao vice-presidente auxiliar o Presidente, e substituí-lo nas suas faltas ou impedimentos.

**Art.º 39.º** — Ao 1.º Secretário incumbe a organização, montagem e orientação de todo o serviço de secretaria, competindo-lhe, especialmente, a elaboração das actas, a preparação do expediente para a Direcção, a assinatura da correspondência e, de modo geral, todo o expediente da Associação.

**Art.º 40.º** — Ao 2.º Secretário compete auxiliar no exercício das suas funções o 1.º Secretário e, especialmente, organizar e manter em dia os registos, índices relativos a sócios e todos os papéis entrados na secretaria.

**Art.º 41.º** — Ao Tesoureiro compete arrecadar as receitas, satisfazer as despesas autorizadas, assinar todos os recibos de cotas, jóias e de quaisquer outras receitas, fiscalizar a sua cobrança, e depositar em estabelecimentos bancários de reconhecido crédito todos os fundos que não tenham imediata aplicação. Compete-lhe também manter absolutamente actualizado o inventário do património.

§ 1.º — O livro «Caixa», ou quaisquer outros de receita e despesa, serão escriturados pelo Tesoureiro.

§ 2.º — O Tesoureiro apresentará trimestralmente balancete documentado das receitas e despesas que, depois de aprovado em reunião da Direcção, será afixado na sede até ser substituído pelo do trimestre imediato. Anualmente, no fim da respectiva gerência e em relação ao ano futuro, elaborará um orçamento de onde constem, bem co-

mo as prováveis despesas da mesma espécie e natureza.

§ 3.º — O levantamento dos dinheiros que se achem depositados só poderá efectuar-se por meio de cheque pelo Presidente e pelo Tesoureiro.

**Art.º 42.º** — Os vogais colaboram em todos os serviços relativos à administração.

### Secção III

#### DO CONSELHO FISCAL

**Art.º 43.º** — O Conselho Fiscal será constituído por três membros: Presidente, Vice-Presidente e secretário Relator.

§ único — O Conselho Fiscal funciona como comissão de sindicância.

**Art.º 44.º** — Compete ao Conselho Fiscal:

1.º — Verificar os balancetes de receita e despesa e conferir os documentos de despesa, bem como a legalidade dos pagamentos efectuados;

2.º — Examinar periodicamente a escrita da Associação e verificar a sua exactidão;

3.º — Fornecer à Direcção o parecer acerca de qualquer assunto sobre o qual lhe seja dirigida consulta;

4.º — Elaborar, parecer sobre o Relatório de contas da Direcção, para ser presente à Assembleia Geral ordinária;

5.º — Assistir às reuniões da Direcção, sempre que o queira fazer;

6.º — Pedir a convocação da Assembleia Geral extraordinária quando o julgar necessário.

**Art.º 45.º** — Como Comissão de sindicância compete-lhe:

1.º — Informar com o maior escrúpulo as propostas que lhe forem submetidas e dar parecer sobre elas no prazo de oito dias;

2.º — Inquirir do procedimento de qualquer sócio ou acerca de quaisquer factos que os Corpos Gerentes julguem ser dignos de averiguação especial;

3.º — Relatar os recursos para a Assembleia Geral.

**Art.º 46.º** — Das sessões do Conselho Fiscal serão lavradas actas em livro próprio.

### CAPÍTULO IV

#### DAS SANÇÕES E RECOMPENSAS

**Art.º 47.º** — Os sócios que infringirem os estatutos ou regulamentos, não atacarem as determinações dos corpos gerentes, ofenderem, na sede, alguns dos membros, ou qualquer sócio, proferirem expressões ou praticarem actos impróprios de pessoas de boa educação, e ainda os que não pagarem pontualmente as suas cotas, ficarão sujeitos às seguintes penas:

- Advertência;
- Multa de 5\$00 a 50\$00;
- Suspensão até 60 dias;
- Eliminação;
- Expulsão.

**Art.º 48.º** — As penas do artigo anterior são da competência da Direcção ou Assembleia Geral, podendo ser aplicadas por proposta de qualquer membro da Direcção ou do Conselho Fiscal. A pena de expulsão só poderá, porém, ser aplicada pela Direcção, quando se verifique a hipótese prevista no artigo seguinte.

**Art.º 49.º** — A suspensão de qualquer sócio não o desobriga do pagamento das cotas mas inibe-o de frequentar as instalações da Associação, sob pena de expulsão, que lhe será aplicada imediatamente pela Direcção.

**Art.º 50.º** — O sócio que deixar de pagar três cotas e que, depois de avisado para as liquidar, o não fizer no prazo de oito dias será eliminado.

**Art.º 51.º** — Das sanções aplicadas pela Direcção, haverá recurso para a Assembleia Geral ordinária ou para a extraordinária.

**Art.º 52.º** — Os indivíduos que prestarem à Associação quaisquer serviços que mereçam testemunho especial de reconhecimento, terão direito às seguintes distinções:

- Louvor concedido pela Direcção;
- Louvor concedido pela Assembleia Geral;
- Classificação de sócio benemérito.

### CAPÍTULO V

#### DOS FUNDOS DA ASSOCIAÇÃO

**Art.º 53.º** — Constituem receita da Associação:

1.º — O produto de cotas e de jóias e da venda de exemplares de estatutos e emblemas;

2.º — Os rendimentos provenientes de festas promovidas pela Direcção;

3.º — Os subsídios do Estado ou quaisquer outros rendimentos ou donativos que lhe sejam destinados.

### CAPÍTULO VI

#### DA READMISSÃO DOS SÓCIOS

**Art.º 54.º** — Podem ser readmitidos como sócios os indivíduos que tenham sido eliminados a seu pedido, por falta de pagamento de cotas e ainda aqueles que tenham sido expulsos.

§ 1.º — O sócio eliminado a seu pedido só poderá readquirir a qualidade de sócio desde que tenha pago a importância da jóia, como se se tratasse de novo sócio.

§ 2.º — O sócio eliminado por falta de pagamento de cotas só poderá readquirir a qualidade de sócio desde que tenha pago a importância das cotas em débito e de nova jóia.

§ 3.º — O sócio expulso só poderá ser readmitido desde que a Assembleia Geral, convocada especialmente para esse fim, assim o resolva em escrutínio secreto, por maioria de quatro quintos dos volantes. A readmissão do sócio expulso implica o pagamento de todas as cotas correspondentes ao período em que durou a expulsão.

### CAPÍTULO VII

#### DISPOSIÇÕES GERAIS

**Art.º 55.º** — A Direcção poderá reunir em sessão permanente, sempre que os interesses da Associação o exijam.

**Art.º 56.º** — São rigorosamente proibidos dentro das instalações da Associação:

1.º — Manifestações de carácter político e religioso;

2.º — Todos os jogos de azar.

**Art.º 57.º** — A extinção voluntária da Associação só poderá ter lugar quando, esgotados os seus recursos financeiros normais os sócios se recusarem a cotizar-se extraordinariamente.

§ único — A extinção terá de ser deliberada em Assembleia Geral, expressamente convocada para esse fim, e aprovada por número de votos não inferior a três quartos da totalidade dos sócios existentes.

**Art.º 58.º** — A Assembleia Geral estabelecerá as normas para a extinção e nomeará, para tanto, uma comissão liquidatária, que actuará sob fiscalização da autoridade administrativa.

§ único — Liquidadas as dívidas que houver, o remanescente dos haveres será atribuído à Santa Casa da Misericórdia de Fão.

**Art.º 59.º** — Os presentes Estatutos só poderão ser alterados em Assembleia Geral, expressamente convocada para esse fim, desde que a alteração seja aprovada por três quartos, pelo menos, do número de sócios presentes.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.  
NUMERADAS DE FOLHAS UMA A FOLHAS QUINZE.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos oito dias do mês de Novembro de 1990.

A CONSERVADORA DESTACADA,

a) Maria do Céu Neiva Portela

## «BENEMÉRITA ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE FÃO»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE — N.º de Matrícula 00001 — N.º de identificação da pessoa colectiva 501 081 259 — N.º de inscrição 00001 — N.º e data da apresentação 002 - 9/07/29

MASRIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA que foram aprovados

(Continua na pág. 12)

(Continuado da pág. 11)

pelo Governo Civil de Braga os estatutos da associação em epígrafe como consta do documento junto, cujo depósito foi efectuado:

**ALVARÁ**

FRANCISCO LEANDRO PESSOA MONTEIRO, MÉDICO E GOVERNADOR CIVIL DO DISTRITO DE BRAGA:

Atendendo ao que me foi solicitado pela Direcção da Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão, conselho de Esposende;

Considerando que a actualização dos seus estatutos é feita em conformidade com o modelo dos estatutos preconizado pela Direcção-Geral de Administração Política e Civil, Ministério do Interior, que acompanhou a circular número Z-dois 1, de zasseis, Livro quinze-A, de vinte e cinco de Abril de mil novecentos e sessenta e cinco;

Tomando em consideração o que foi deliberado pela respectiva Assembleia Geral, realizada no dia dezoito de Fevereiro próximo passado;

Visto terem sido observadas todas as formalidades legais;

Hei por bem, no uso da competência que me confere o disposto no número oitavo, do artigo quatrocentos e sete do Código Administrativo, conceder a aprovação aos Estatutos (actualização) da Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão, concelho de Esposende, que constam de sete capítulos e cinquenta e nove artigos e baixam com o presente alvará, depois de autenticados pelo Secretário deste Governo Civil.

Não paga selos, nem custas, em vista do estipulado no artigo quatrocentos e dezanove do Código Administrativo.

GOVERNO CIVIL DO DISTRITO DE BRAGA, aos seis dias do mês de Abril de mil novecentos e sessenta e oito.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL. NUMERADAS DE FOLHAS UMA A FOLHAS DUAS.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos nove dias do mês de Novembro de 1990.

A CONSERVADORA DESTACADA,  
a) Maria do Céu Neiva Portela

**«BENEMÉRITA ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE FÃO»**

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE — N.º de Matrícula 00001 — N.º de identificação de pessoa colectiva 501 081 259 — N.º de inscrição 00001 — N.º e data da apresentação 002 - 90/07/26

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA que foi feito o depósito do instrumento de reconhecimento da Associação em epígrafe como pessoa colectiva de utilidade pública administrativa, como consta do documento junto:

**CERTIDÃO**

MANUEL FILIPE GASTÃO DE LIMA CARDOSO MOURA COUTINHO DE ALMEIDA D'ÊÇA, CHEFE DE SECÇÃO DO GOVERNO CIVIL DO DISTRITO DE BRAGA:

CERTIFICO, em face dos documentos arquivados neste Governo Civil e em cumprimento do despacho de vinte e seis de Abril de mil novecentos e noventa, do Secretário do Governo Civil, Licenciado em Direito JOSÉ OLIVEIRA DA SILVA, exarado no ofício registado na mesma data, nesta Secretaria, sob o número dois mil oitocentos e vinte e um, Processo F traço sete barra cinco, que a Benemérita Associação dos BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE FÃO, com sede na Vila de Fão, Concelho de Esposende, possui personalidade jurídica como pessoa colectiva de utilidade pública administrativa e a sua actividade não prossegue fins lucrativos.

Mais se certifica que esta Associação está isenta do selo e emolumento, nos termos da legislação vigente.

Secretaria do Governo Civil do Distrito de Braga, em Braga, aos vinte e seis de Abril de mil novecentos e noventa.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL. NUMERADAS DE FOLHAS UMA A FOLHAS DUAS.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos nove dias do mês de Novembro de 1990.

A CONSERVADORA DESTACADA,  
a) Maria do Céu Neiva Portela

**«BENEMÉRITA ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE FÃO»**

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE — N.º de Matrícula 00001 — N.º de identificação de pessoa colectiva 501 081 259 — N.º de inscrição 00001 — N.º e data da apresentação 002 - 90/07/26

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA que foram nomeados membros da Direcção, Vogais e Conselho Fiscal da Associação em epígrafe para o ano de 1990:

**MEMBROS DA DIRECÇÃO**

Presidente — ABEL DA COSTA, casado, residente na Rua Serpa Pinto n.º 31, Fão, Esposende;  
Vice-Presidente — JOSÉ ARTUR SARAIVA MARINHO, casado, residente na Rua Amorim Campos, 11, rés-do-chão, Fão, Esposende;

1.º Secretário — JOAQUIM HERNÂNI DA VINHA NOVAIS, casado residente na Avenida Visconde São Januário, 17, Fão, Esposende;

2.º Secretário — NORBERTO MANUEL PEREIRA DA SILVA MOTA, casado, residente na Rua Azevedo Coutinho, Fão, Esposende;

Vogais: — ANGÉLICO VALE MIRANDA, casado, residente na Rua da Areosa, 5, Fão, Esposende; e MIGUEL DA SILVA FERREIRA PEREIRA, casado, residente na Rua das Escolas, 15, Fão, Esposende;

**CONSELHO FISCAL**

Presidente — JOSÉ MANUEL BORDA RODRIGUES, casado, residente na referida Rua Amorim Campos, 4;

Vice-Presidente — DOMINGOS REIS ASSUNÇÃO, solteiro, maior, residente na Rua Professora Ida Eiras, 10, Fão, Esposende;

Secretário-Relator — ANTÓNIO GRAÇA DO VALE, casado, residente na dita Rua Amorim Campos, 13; e

Vogal — MANUEL VALE DE SOUSA, casado, residente na referida Rua Azevedo Coutinho, 51.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos oito dias do mês de Novembro de 1990.

A CONSERVADORA DESTACADA,  
a) Maria do Céu Neiva Portela

**PINTO MIGUEL**

**SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS DE CARGAS, LDA.**

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295 - 672450  
Telex 25181 — 4100 PORTO

**ARMAZÉNS:**

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647  
4750 MATOSINHOS

**Dicionários EDITORA**

A vasta coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país. Feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tem a especialidade generalizada, não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito de palavras e locuções estrangeiras.



O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA LDA, Rua de Restauração, 365/4095 PORTO CODEX  
LIVRARIA ARNADO LDA, Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX  
IMP. L. FLUMINENSE LDA, Rua de S. João Nicomaziano, 8-A/1200 LISBOA

# FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



## CULTURA DA BATATEIRA

(Continuado do número anterior)

**Afídios** — É grande o número de afídios que ataca a batateira. A sua importância como praga nefasta resulta tanto do facto de serem transmissores de vírus (Ver mais adiante alínea sobre as doenças) como da sua própria acção directa como sugadores das plantas, podendo em alguns casos, em par-

ticular quando o tempo esteja quente e seco, ocasionar estragos que redundem em reduções da produção da ordem dos 50% e mais.

Os afídios, vulgarmente conhecidos por piolhos das plantas, são insectos sugadores da ordem dos Hemípteros, muito pequenos mas extraordinariamente prolíferos, podendo dar origem a quinze gerações durante o ciclo cultural, nos casos de meio ambiente mais favorável. Destacam-se como mais importantes o *Macrosiphum euphorbiae* Th. e o *Myzus persicae* (Sulz). Bod et Sw em especial este último. Também o *Myzuz ornatus* Laing e o *Aphis rhamni* Koch são responsáveis pela transmissão de víruses da batateira.

Pela rapidez com que se reproduzem e ainda pela facilidade com que se espalham são difíceis de combater exigindo, logo que aparecem, tratamentos consecutivos adequados. Em particular no caso da produção da batata-semente o combate a estes insectos é medida obrigatória e no da batata de consumo conveniente não só como medida preventiva contra a disseminação dos vírus como pela redução que podem produzir na colheita.

Os tratamentos fazem-se à base dos chamados aficidas, insecticidas específicos de que existem no mercado diferentes tipos e marcas à base de dimetoato, etoato-metilo, fenitrotião, forato, etc. Modernamente começam a usar-se insecticidas sistémicos, que dão controlo praticamente por toda a época e que se aplicam no terreno em linha contínua no fundo do rego, no momento da plantação, ou sobre os próprios tubérculos antes da plantação (menazão, etc).

**Alfinetes** — Dá-se o nome de alfinetes às larvas de alguns coleópteros as quais vi-

vem no terreno alimentando-se de raízes de diversas plantas e que naturalmente atacam os tubérculos das batatas perfurando-os e desvalorizando-os comercialmente ao mesmo tempo que abrem caminho a diversos tipos de infecções. Os solos mais leves de tipo

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas  
Sementes Horticolas • Batata de Semente •  
Importador Exportador

SEDE  
A-Ver-o-Mar ☎ 681 765 ..... PÓVOA VARZIM  
FILIAL  
R Filipa Borges ☎ 812 199 ..... BARCELOS

arenoso e franco-arenoso são os mais propícios a um amplo desenvolvimento desta praga mas nem por isso deixam de aparecer em solos mais pesados.

Os alfinetes são pragas difíceis de combater não só pelo seu modo de vida subterrâneo como pela sua longevidade de cinco a seis anos antes de passarem ao estado adulto. A aplicação de insecticidas aos terrenos é uma prática cara, de eficiência não absoluta e que encerra perigos sendo muito limitados os produtos que a legislação autoriza, face aos perigos de contaminação tóxica da produção. Entre eles figuram o lindano e o diazinão.

**Ralos** — Insecto (*Gryllotalpa gryllotalpa* L.) que ataca a parte subterrânea da batateira roendo raízes e tubérculos, podendo provocar danos apreciáveis, em particular em terras enxutas. Alguns insecticidas de aplicação ao solo são eficazes contra esta praga, mas o seu uso está muito restringido legalmente pelos perigos que representam para a saúde dos consumidores dos produtos originários dessas terras, conforme se referiu também a propósito do combate aos alfinetes.

Doutro modo o combate a esta praga é relativamente difícil efectuando-se especificamente à base de iscos envenenados que se espalham pelo terreno. Continuam a ser empregados iscos de fluosilicatos de uso muito antigo. Exigem-se cuidados muito especiais por causa dos perigos para os animais domésticos. Pode empregar-se também o lindano à razão de 180 gr. de produto activo por 100 kg de isco.

**Roscas e nóctuas** — Lagartas de Lepi-

# Basta<sup>®</sup> a melhor alternativa

**Herbicida total**

**Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança**

Para mais esclarecimentos consulte o  
Departamento de Agricultura da  
Hoechst Portuguesa S.A.

|          | MEM MARTINS                             | PORTO                                |
|----------|---|--------------------------------------|
| TELEFONE | 921 21 80                               | 66 70 51                             |
| TELEX    | 18 380                                  | 22 706                               |
| FAX      | 922 25 77                               | 69 05 70                             |
| MORADA   | APARTADO 6<br>2726 MEM<br>MARTINS CODEX | APARTADO 1041<br>4101 PORTO<br>CODEX |

Hoechst — um amigo  
na agricultura

Hoechst   
Cap. Soc. 1.200.000.000.000 Cont. Reg. Com. Entre n.º 1428

(Continua na pág. 10)

(Continuado da pág. 13)

dópteros de diversas espécies e géneros, principalmente da família dos Noctuídeos. Estas lagartas roem os tubérculos, os caules e as folhas e podem ser bastante nefastas não só pelo que destroem como pela depreciação comercial que originam nos tubérculos perfurados. Acresce ainda que qualquer factor de danificação dos tubérculos facilita a entrada de fungos e bactérias e o alastramento de podridões.

Algumas das lagartas vivem três, quatro e cinco anos no terreno não bastando o Inverno para as destruir. Além disso são normalmente polífagas e defendem-se com relativa facilidade mesmo utilizando rotações tecnicamente correctas. Para algumas espécies a cultura da luzerna e de alguns trevos pode ter efeitos repelentes sendo portanto de aconselhar a sua inclusão na rotação, quando possível.

Os tratamentos químicos não produzem efeitos satisfatórios pelo que apenas as práticas culturais servem como paliativo contra os efeitos desta prática. Lavouras profundas no final do Verão, princípios do Outono, permitem a destruição da fase ninfal reduzindo assim a praga.

No caso das espécies que tenham preferências pela rama aérea, podem fazer-se tratamentos com insecticidas de contacto ou de ingestão.

**Lesmas e caracóis** — Pragas muito comuns, causam estragos apreciáveis, por vezes maiores do que se possa pensar. Em alguns países, como em Inglaterra, onde o clima húmido favorece de modo particular o desenvolvimento destes depredadores estimam-se oficialmente os prejuízos em mais de dez por cento da produção.

Combatem-se essas pragas — das quais as espécies mais comuns em Portugal

são o *Agriolimax agresti* L, e a *Helix hortensis* L. — com iscos à base de metaldeído, ou de mercaptodimetur, vulgares no comércio da especialidade. O tratamento deve fazer-se antes da plantação. Em caso de necessidade fazer segunda aplicação já depois dos tubérculos na terra.

**Escaravelho americano** — O escaravelho da batata ou escaravelho americano — *Leptinotarsa decemlineata* Say — pertence à família dos Crisomelídeos e é uma das pragas mais prejudiciais dos batatais. Na sua forma adulta faz lembrar uma grande joaninha com cerca de 10 a 12 milímetros de comprimento e 8 de largura, com o corpo de cor amarela e apresentando dez riscas negras sobre o dorso.

A forma larvar tem seis pernas, uma cabeça pequena, negra, e um abdómen mole e esférico, vermelho ou alaranjado com uma linha dupla de pontos negros de cada lado. Tanto no estado adulto como no de larva alimenta-se vorazmente da rama chegando a destruir por completo a parte aérea das plantas e, assim, reduzindo ou anulando a produção de tubérculos. Pode atingir quatro gerações por ano, o que lhe dá um poder extraordinário de multiplicação e, portanto, de potência destruidora.

Durante o Inverno o escaravelho hiberna, enterrado no terreno, donde volta a sair na batata armazenada. Ataca também outras espécies da família das Solanáceas como a beringela, o pimento e o tomateiro mas encontra o seu meio óptimo de subsistência na batateira, alimentando-se da rama e dos tubérculos uma vez a descoberto. Em armazém pode multiplicar-se em gerações sucessivas, aumentando a destruição dos tubérculos.

Em Portugal esta praga é mais importante no Sul e Centro (ARANHA e GRAÇA, 1942) devido ao efeito favorável das temperaturas altas no seu desenvolvimento.

Como medida de combate aconselha-se: a) pulverização ou polvilhação à base de fenitrotião, por exemplo; b) a perfeita amontoa que evite a passagem das larvas da rama para os tubérculos; c) recolha imediata das batatas após o arranque de modo a evitar aquela passagem, ou mesmo a postura de ovos sobre os próprios tubérculos; d) armazenamento em boas condições de sanidade.



A batata atacada poderá ser desinfectada com sulfureto de carbono, produto a empregar com os maiores cuidados por especialistas.

**Ervas daninhas** — As ervas daninhas constituem, na verdadeira acepção da palavra, uma praga da cultura. O seu combate faz-se através de uma boa preparação da terra e de sachas ao longo da cultura sempre que necessárias, mas pode também empregar-se o combate químico por meios de herbicidas. Dada a susceptibilidade da batateira à maior parte dos herbicidas, o emprego destes faz-se sempre antes da plantação e, nestas condições, existe um número elevado de produtos que podem ser empregados, embora, consoante o seu poder residual, exijam maior ou menor antecipação relativamente à data de plantação. Assim, encontram-se no mercado português produtos à base de EPTC, linurão, monolinurão, metrobromorão, prometrina, paraquato, etc., simples ou em combinações que terão que ser estudadas para cada caso, sabendo que diferentes são as condições de ambiente, e as espécies espontâneas dominantes de região para região.

FIM

**CALIBRADORES DE FRUTA**

**MINI-LINHA COMPACTA**

Indicada para espaços limitados

Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**

TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA

PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

# DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

## FUTEBOL

### FÃO, 3 — CERAMISTAS, 0

O Fão alinhou — Carlos I, Agra, Eurico, Vitá, Jaime, Pedro, Flávio, Bife, Carlos II, Zezinho e Didi. Jogaram ainda: Costa e Toni.

Marcadores: Pedro, Agra e Toni.

Contrariando aquilo que vínhamos mencionando sobre a fraca concretização da equipa, esta brindou os assistentes com um ótimo resultado e uma boa exibição. Por coincidência, dos 3 golos marcados, dois foram por defesas e um apenas por um avançado.

Portanto, apesar de ficarmos satisfeitos com o resultado, não deixamos de reflectir no que até, aqui temos dito: a equipa necessita de um bom ponta de lança; não queremos com isto desvalorizar o esforço e o trabalho até aqui desenvolvido pelos elementos que constituem o ataque do Fão.

No início desta época dissemos que o campeonato da 1.ª divisão apresentava mais dificuldades do que o da 2.ª mas não será por isso que a equipa nos desapontará, dado o valor que demonstrou a época passada. Mas como gostamos de apoiar e elogiar, também temos a obrigação de alertar.

Voltando ao jogo em questão, gostámos da exibição da equipa. Mais entrosada, confiante, fruto dos últimos resultados positivos.

### PALMEIRAS, 1 — FÃO, 0

A nossa equipa, mesmo jogando muito bem, não merecia sair derrotada deste encontro. Contingências do próprio futebol levaram o Fão a perder pelo menos um ponto que, caso se concretizasse, já seria muito bom. Mas como dissemos de início, a equipa não teve a felicidade de jogar tão bem como no jogo anterior e para dificultar as coisas o Fão viu-se privado de elementos essenciais e que por motivos de serviço militar não puderam comparecer.

### FÃO, 2 — VILA CHÃ, 0

Foi uma primeira parte muito boa, em que o Fão marcou os dois golos: o 1.º por intermédio de Agra e o 2.º de penalti por Didi. Em relação àquilo que vínhamos assistindo, a equipa mostrou-se muito dinâmica, bem apoiada por um público persistente que mesmo em tarde chuvosa e fria não deixou de comparecer.

A 2.ª parte já não agradou a este público entusiasmado com o que assistiu na 1.ª. E porquê? Primeiro porque a nossa equipa baixou fisicamente em consequência do estado do terreno; segundo porque o adversário perdeu um pouco a calma, pois já na 1.ª parte alguns dos seus elementos se tinham manifestado contra o árbitro aquando da marcação do penalti que quanto a nós foi bem assinalado.

Conclusão: o árbitro começou por mostrar cartões amarelos. Os nossos jogadores foram levados pelo adversário nesse despique e disto resultou 4 expulsões, duas para cada lado.

### AVELEDA, 1 — FÃO, 1

Um bom resultado para a nossa equipa apesar de ter sido um jogo muito sofrido, dando continuação a uma série de resultados positivos que esperamos continue.

A equipa demonstrou neste jogo uma vez mais aquela força de vontade, aquele querer que nos apraz registar e que permite acalentar esperanças para um bom campeonato.

## CANOAGEM

Dia 25 de Novembro a Federação Portuguesa de Canoagem, após uma manhã desportiva no Rio Douro, ofereceu um almoço-convívio a todos os clubes que participaram nos últimos campeonatos nacionais da modalidade. Ao Clube Náutico de Fão foram entregues as medalhas correspondentes às seguintes classificações:

Medalhas de campeões nacionais — Infantis;

Miguel Pedras; Artur Hipólito; Hugo Moreira; Alberto Ferreira (K4-5000 m). Juniores: Belmiro Penetra (K1-1000 m); Belmiro Penetra e Luís Sousa (K2-5000 m); Belmiro Penetra e Luís Sousa (K2-1000 m); Carlos Silva (C1-500 m). Seniores: Carlos Vieira e Emílio Araújo (C2-5000 m); Carlos Vieira e Emílio Araújo (C1-500 m).

Medalhas de 2.º e 3.º lugares — Infantis: Miguel Pedras e Artur Hipólito (K2-500 m); Miguel Pedras, Artur Hipólito, Hugo Moreira e Alberto Ferreira (K4-500 m). Cadetes: José Ferreira e Francisco Costa (C2-500 m); José Ferreira e Francisco Costa (C2-5000 m); Juniores: Luís Faria, António Rôxo, Juvenal Oliveira e João Assunção (K4-1000 e 5000 m); Seniores: Emílio Araújo (C1-1000 e 500 m); Carlos Vieira (C1-1000 e 500 m).

## ÓPTICA OLIVEIRA em marcha

Na cidade de Braga foi aberta ao público, na antiga Avenida Marechal Gomes da Costa, hoje, avenida da Liberdade, mais um estabelecimento de óptica, propriedade dos nossos bons amigos Aleixo Ferreira e José Braga.

São dois empresários que na cidade da Beira, em Moçambique, estavam bem implantados e que por força da descolonização deixaram aquela antiga colónia, vindo a estabelecer-se em Braga onde compraram a conhecida Óptica Oliveira. Tratava-se de uma casa especializada em óptica, como o nome indica, que, ao tempo da sua aquisição, se achava situada em meio da tabela das suas congéneres. Considerados excelentes balcões, aqueles dois associados cedo guindaram a sua casa ao top dos estabelecimentos de óptica em Braga. A sua preocupação primeira foi investir, investir continuamente, tanto no equipamento do material de venda como no arranjo das instalações, instalações que ultimamente ficaram enriquecidas com um gabinete de optometria. Quer dizer: um indivíduo sente-se com necessidade de usar óculos, vai à consulta na Óptica Oliveira, é atendido por uma técnica especializada que faz os exames necessários, não paga nada por isso, é, descedo as escadas, do primeiro andar ao rés-do-chão, logo encontra os óculos que a necessidade e o bom gosto aconselham.

Não temos pejo em dizer que a Óptica Oliveira é hoje o primeiro estabelecimento do género, na cidade dos Arcebispos.

Mas a Óptica Oliveira não adormeceu à sombra da bananeira. Em lugar de malbaratar os dividendos em sinais exteriores de riqueza, continuou a investir e desse investimento resultou a abertura de uma nova loja onde mais uma vez o bom gosto das instalações e a modernidade e actualidade dos artigos vendáveis se deram as mãos.

Os proprietários da Óptica Oliveira prepararam-se afincadamente para o grande choque que vai assolar o País quando Portugal entrar de direito e de facto no âmbito da CEE:

É com muita alegria que vemos um conterrâneo nosso singrar no universo difícil da comercialização e essa alegria é duplicada pois trata-se de um estabelecimento que desde o primeiro número é nosso anunciante e que nos comprova que só as melhores casas assinam em O Novo Fangeiro.

## O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Fernando de Almeida  
Cecília de Amorim  
Dinis de Vilarelho  
José Ramos da Silva  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
Agonia Pereira  
João Pedras

PROPRIEDADE:  
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:  
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:  
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

## Notícias da Junta

— Está previsto o estacionamento de camionetas nos terrenos junto à antiga fábrica de serração (Fregueiras). Os veículos vão à praia, despejam as pessoas e voltam para o referido sítio.

— Na mesma margem esquerda pensam os autarcas locais prepararem um circuito de manutenção. Sendo este de pequeno custo não entendemos a demora em iniciá-lo. Cremos que os hotéis locais teriam também todo o interesse na sua construção. E quem diz interesse diz cooperação.

— Vão reiniciar-se as obras nos terrenos do ex-mercado.

— Vai efectuar-se o arranjo urbanístico entre o Cortinhal e o terreno que será ocupado pela Pousada da Juventude.

— Junto ao campo de futebol a Junta adquiriu um terreno que se destina ao pavilhão poli-desportivo. As obras começam no próximo ano.

— Em 1991 iniciam-se também as obras do novo quartel dos Bombeiros, orçadas em 80.000 contos. O Estado contribui com 48.000. O restante fica a cargo da Corporação.

## Doentes

No dia 27 de Novembro foi acometido de um acidente cardíaco-vascular o nosso conterrâneo Quenor Ribeiro.

Prontamente transportado a uma clínica da Póvoa de Varzim, ficou ali internado, registando já sensíveis melhoras.

Fazemos votos por um rápido restabelecimento.

# O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

## HERÓIS DO MAR

Ele é o MAR. O senhor todo-poderoso da alegria e do luto, aquele que distribui indiferentemente o pão ou a dor. O mar fascinante e traiçoeiro, de águas mansas ou revoltas, espelho límpido do céu ou colosso crispado no furor de vagas fatais.

É nele que o homem da beira-mar cumpre um estranho destino: — a busca do sustento ou da morte.

Vem isto a propósito do recente naufrágio de um barco de pesca português que, ao largo da Mauritània, foi abalroado por um navio grego.

Dezanove homens ficaram aprisionados no interior do pesqueiro sinistrado — o seu ganha-pão e o seu túmulo. O comandante e um tripulante, que se encontravam no convés, tiveram tempo de se lançarem à água. O primeiro, aguentou-se algumas horas no mar agitado e gélido e acabou por ser localizado e salvo. O segundo, lutou algum tempo ainda mas, enregelado e exausto, deixou-se ir ao fundo, esgotadas as forças para continuar a luta.

Mais vinte vidas que assim se perderam, mais vinte famílias onde o luto e a dor se instalaram.

Mas a gente da beira-mar é corajosa. Não esmorece. Enxutas as lágrimas, a vida recomeça e outros barcos partem para a faina, enfrentando sem medo o gigante caprichoso — temido e amado — cujo marulhar acompanha e marca as suas vidas, cujo sal está entranhado na sua própria pele.

★

Há uns meses atrás, houve outro acidente marítimo que nos parece digno de referência: um navio de um país nórdico, com cerca de 600 pessoas a bordo, entre passageiros e tripulantes, incendiou-se. Pânico. Gritos. Pessoas que se precipitam, atirando-se à água, na tentativa de fugir a uma morte mais horrível, pelo fogo. Mas tudo se resolveu bem. Ou antes, quase bem. Os barcos salva-vidas foram arreados, o fogo foi dominado e todos se salvaram, à excepção de um tripulante português de cerca de trinta anos.

Cabe aqui dizer que grande parte da tripulação era portuguesa. Eram pessoas que tinham respondido a um anúncio para recrutar pessoal publicado num diário lisboeta. Muitos deles, embora sem prática nem conhecimentos das lides marítimas, viram nesse anúncio a oportunidade de conseguir trabalho, uma saída para o desemprego que os afligia. Um deles foi o infelizmente moço, que era técnico de refrigeração-desempregado.

Apesar desse desconhecimento das regras e da vida no mar, foram portu-

gueses os tripulantes que permaneceram no barco até ao fim, ao lado do comandante, ajudando-o na manobra de atracamento, enquanto que os oficiais (da mesma nacionalidade do barco), e os outros tripulantes tinham já há muito abandonado o navio, pondo-se a salvo.

E o jovem português, única vítima mortal do sinistro? A última vez que foi

visto — dizem testemunhas — estava a salvar crianças, transportando-as do navio em chamas para os barcos salva-vidas. Depois, desapareceu nas águas turbulentas. Para sempre.

Talvez que, ao arriscar a vida por aquelas crianças estranhas e estrangeiras, tivessem o pensamento no seu filho de dois anos que aguardava, com a Mãe, em Lisboa, o Pai que não chegaria a voltar, porque salvara outros meninos.

Tudo isto faz sentir como são verdadeiras e actuais as palavras que iniciam o nosso Hino Nacional:

HERÓIS DO MAR, NOBRE POVO!...

## CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

### A TERRA ESTÁ MAGOADA

Numa altura em que todos falam no ambiente e nas suas consequências, é caso para pensar e analisar tudo aquilo que nos rodeia.

O mundo atravessa uma fase muito inquietante. Embora se fale de esforços e de boas vontades, sente-se no ar a aproximação duma catástrofe. Não só política e económica, mas principalmente ecológica.

É assustador, ver as imagens da televisão, onde os povos se arruinam, não somente com as armas convencionais, umas com a ameaça das bombas atómicas, da guerra química, terrivelmente mortal.

Estamos dependentes dos caprichos e das loucuras daqueles que governam os povos.

Israel já começou a distribuir máscaras anti-gás.

Aonde vamos parar?

Os homens não se apercebem de que se destroem a si mesmos?

Depois, há a questão ecológica.

Aí, o aspecto não é mais animador.

Os rios estão envenenados, os peixes morrem aos milhares, as florestas são queimadas, as árvores são abatidas, o ar é envenenado em consequência do desenvolvimento industrial, as cidades estão irrespiráveis e no entanto o homem continua a destruir e a destruir-se.

A maré negra que ultimamente tem invadido as nossas praias é um mal que muito nos afecta.

Destroei os peixes e prejudica a nossa economia.

Vejam os que aconteceu nas nossas ilhas. Aí, aonde o turismo é um factor principal, há a ameaça permanente dos petroleiros despejarem os seus resíduos.

A ciência tem progredido vertiginosamente, mas o preço a pagar é muito elevado.

Não podemos recuar, mas podemos prevenir.

É preciso ter a consciência de que estamos a caminhar para o caos.

Não é com conferências, seminários, etc., que se acode a esta calamidade.

Todos os homens e todas as nações deve-

riam olhar à sua volta e contemplar a terra com toda a sua beleza e potencialidade.

Tudo o que temos é ela que nos dá: o ar, a água, a comida, o combustível, as flores, o mel, as pedras, etc., etc. tudo é fornecido pela terra.

Porque consentimos na sua destruição?

A terra é uma dávida de Deus; está em perigo. Quem lhe acode?

Os amantes da Natureza não têm a aforça necessária para defendê-la.

É preciso que todos, desde o simples cidadão, passando pelos intelectuais, autarcas, industriais, governos, etc. se unam numa batalha de paz e boas vontades para libertar a terra a uma coordenação injusta, ingloria e desastrosa.

Desde a limpeza das ruas, da defesa das águas, à conservação dos animais e das florestas, tudo está ainda ao alcance do homem. Mas não pode cruzar os braços. Se não se tomarem providências, um dia será tarde... e assistiremos a uma catástrofe indiscutível.

Vamos sarar-lhe as feridas, limpá-la, purificá-la.

Não deixemos que a ambição de alguns, a indiferença de outros, a envenenem, a destruam, a matem!

A terra é como uma Mãe.

Dá tudo que tem, e em troca só pede amor aos homens.

«A terra está magoada»...

Vamos amá-la, defendê-la, conservá-la, cultivar as searas, alindar os jardins, proteger as flores e então faremos dela um verdadeiro paraíso.

## GRALHAS

No último número de O Novo Fanguero saíram várias gralhas mas uma foi particularmente infeliz. Foi o caso de ter saído bandido Vinhas em lugar de Cândido Vinhas, um moço que nos habituámos a admirar desde há muito.

Também no editorial do mesmo número saiu Cântico Novo em lugar de Cântico Negro.

As nossas desculpas.

O NOVO  
FANGUEIRO  
FÃO